ENNU IANÁPERI

História dos Tariano pelo clã Koivathe

narradores:

Adriano de Jesus [Kui]

Pedro de Jesus [Pukutha]

Luís Aguiar [Kuenaka]

Coidi / Foirn

ENNU IANÁPERI

História dos Tariano pelo clã Koivathe

Coidi/Foirn
Iauaretê - São Gabriel da Cachoeira
Amazonas, Brasil
abril, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jesus, Adriano de

Ennu ianáperi : história dos Tariano pelo clã Khoivate / Adriano de Jesus (Kui), Pedro de Jesus (Pukutha), Luís Aguiar (Kuenaka). -- São Gabriel da Cachoeira, AM : Coidi - Coordenadoria das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê : Foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2018. -- (Coleção narradores indígenas do Rio Negro ; 9).

Tradução : Domingos Lana.
Redação, notas e apresentação : Geraldo Andrello.

1. Índios da América do Sul - Brasil - Lendas 2. Índios da América do Sul - Brasil - Rio Negro (AM) 3. Índios Tariano 4. Mitologia indígena - Brasil - Rio Negro (AM) I. Jesus, Pedro de. II. Aguiar, Luís. III. Título. IV. Série.

18-16583 CDD-299.8911

Índices para catálogo sistemático:
1. Índios Tariano : Mitologia - indígena : Rio Negro : Amazonas 299.8911
2. Mitologia indígena : Índios Tariano : Rio Negro : Amazonas 299.8911

ENNU IANÁPERI

História dos Tariano pelo clã Koivathe

Narradores:
Adriano de Jesus [Kui], Comunidade de Santa Maria, Iauaretê
Pedro de Jesus [Pukutha], Comunidade de Santa Maria, Iauaretê
Luís Aguiar [Kuenaka], Comunidade de São Pedro, Iauaretê

© Coidi/Foirn, 2018

Coidi - Coordenadoria das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê

Foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
Rua Álvaro Maia, 79
69750-000 – São Gabriel da Cachoeira – Amazonas – Brasil
tel/fax: (97) 471-1349/1001

Narradores:
Adriano de Jesus [Kui], Comunidade de Santa Maria, Iauaretê
Pedro de Jesus [Pukutha], Comunidade de Santa Maria, Iauaretê
Luís Aguiar [Kuenaka], Comunidade de São Pedro, Iauaretê

Tradução: Domingos Lana, comunidade de Santa Maria, Iauaretê

Redação, notas e apresentação: Geraldo Andrello, UFSCar/ISA

Projeto gráfico original da série: Maria Helena Pereira da Silva

Capa e editoração eletrônica: Vera Feitosa/Duo Design

Fotos: © Vincent Carelli/Vídeo nas Aldeias

Foto da capa: Maloca koivathe (re)construída entre 2005 e 2005 na comunidade de Santa Maria, Iauaretê.

Tratamento de imagens: Cláudio Tavares/ISA

Mapas: Renata A. Alves/ISA

Ilustrações: Koch-Grünberg, Theodor. Petróglifos Sul-Americanos. Ernst Wasmuth S/A. Berlim, 1907

A produção deste livro faz parte da parceria:

Sumário

7
Apresentação

23
A Origem do Mundo

62
O Surgimento da Humanidade

74
As Guerras dos Tariano

81
Os Primeiros Brancos

Apresentação

Esta publicação apresenta uma versão escrita de parte da extensa narrativa formulada pelos Tariano acerca da origem do universo e dos povos indígenas que habitam a região do alto rio Negro, dando sequência à coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro* da FOIRN. Esta série de livros, publicados entre 1995 e 2006, compunha-se até então de oito volumes elaborados por autores indígenas dos povos Desana, Tukano, Baniwa e Tariano. O presente volume, portanto, é o segundo que se origina entre os Tariano, um dos mais de vinte povos que habitam atualmente o rio Uaupés, especialmente no Distrito de Iauaretê. O primeiro volume tariano, "Upíperi Kalísi. Histórias de Antigamente", traz a história das origens na versão do clã Kabana-idakena-yanaperi, que compõe o bloco dos assim chamados "irmãos maiores" entre os Tariano, e que tradicionalmente habita a comunidade de Itaiaçu, no alto Uaupés. Foi narrado por Manuel Marcos Barbosa e Adriano Manuel Garcia, ambos já falecidos. Já o presente volume, corresponde à versão de uma história em parte também apresentada no primeiro, mas agora na versão do clã Koivathe, o primeiro do bloco dos chamados "irmãos menores" dos Tariano. Não obstante esta posição secundária, os Koivathe desempenharam historicamente um papel de destaque no rio Uaupés, basicamente por dois motivos, segundo sua narrativa.

Em primeiro lugar, foram os responsáveis por conduzir ao rio Uaupés o bloco mais numeroso de sub-grupos de língua arawak que se deslocou nos tempos antigos desde a bacia do rio Içana – e que viriam a adotar a língua de seus novos vizinhos, os povos tukano com quem passariam a trocar esposas. Em se-

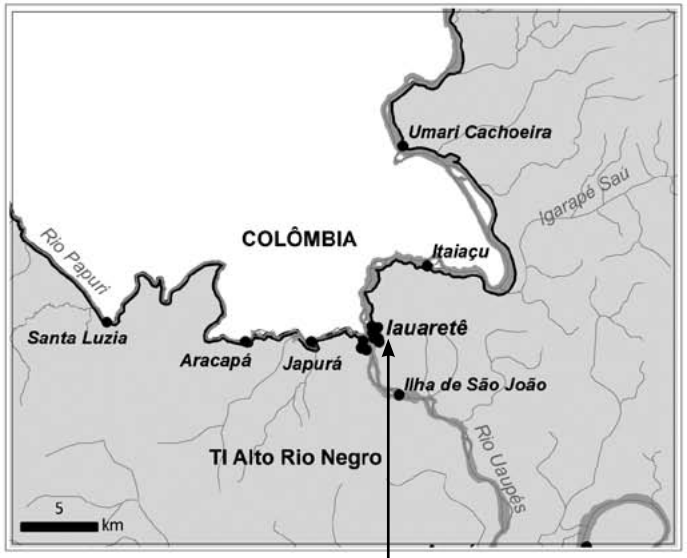
gundo lugar, fixaram-se desde então na cachoeira de Iauaretê, ponto estratégico para o qual confluem duas regiões então muito povoadas, o alto rio Uaupés e o rio Papuri. Desde essa posição, destacaram-se nas relações com os colonizadores que começaram a frequentar o Uaupés desde a segunda metade do século XVIII. Assim, já nas primeiras décadas do século XX receberam os religiosos que passaram a visitar Iauaretê no intuito de ali fundar uma grande missão católica, o que veio a ocorrer no ano de 1929, quando a Missão de São Miguel Arcanjo começou a ser implantada pelos padres salesianos de D. Bosco. A grande área localizada à margem esquerda do rio Uaupés, à altura da foz do rio Papuri, exatamente na grande curva em que se situa a cachoeira de Iauaretê, viria a ser mapeada em um croquis dessa época, o qual levou a assinatura dos chefes Koivathe que a doavam aos padres.

Iauaretê é hoje um povoado de feições urbanas, que conta com três grandes escolas, duas delas pertencentes à rede púbica do Estado do Amazonas, e com oferta regular de ensino médio. Além disso, os serviços de saúde e os vários estabelecimentos comerciais indígenas ali existentes respondem pela grande concentração populacional atual do local – cerca de 2.500 pessoas, com aproximadamente 33% de Tariano, 24% de Tukano e o restante de Pira-Tapuia, Desana, Arapasso, Hupda e outros menos representados. É bem documentado que essa concentração contemporânea resultou de um processo que se iniciou na década de 1980 com o fechamento progressivo dos internatos salesianos de Iauaretê. Desde então, e com a oferta crescente de educação continuada ao longo dos anos, muitas famílias vieram se fixando no povoado no intuito de manter seus filhos nos bancos escolares, seja fixando moradia em comunidades de

parentes tariano ou em terrenos que vieram sendo cedidos pelos missionários. Pelas narrativas tariano, no entanto, é possível entrever que este movimento contemporâneo consistiu em uma inversão de processos mais antigos de dispersão populacional que ocorreram em Iauaretê.

Segundo os Koivathe, em sua chegada a Iauaretê haveriam encontrado grupos tukano ali residentes, com os quais rapidamente estabeleceram alianças matrimoniais. Vizinhos muito próximos de grupos tukano por certo período – até que estes adentram o Papuri motivados por rumores da chegada iminente de brancos para levar gente rio abaixo –, os Tariano mantiveram–se em certa medida concentrados em Iauaretê, com vários sub-grupos crescendo em torno das malocas dos Koivathe. Coube então a eles, distribuir vários de seus irmãos menores por várias localidades do rio Uaupés abaixo e pelo rio Papuri adentro. Desse modo, a atual distribuição geográfica dos cerca de trinta clãs tariano – que juntos conformam uma população de cerca de 2.000 pessoas – é explicada em minúcias na narrativa Koivathe mais ampla. É, assim, possível afirmar que Iauaretê vem assistindo ao longo dos séculos movimentos populacionais em sentidos diversos, isto é, se a chegada dos Tariano representou um adensamento populacional significativo, sua dispersão por várias localidades do Uaupés, bem como o refluxo tukano em direção ao Papuri, aponta para uma tendência de esvaziamento posterior, que, por sua vez, virá a ser revertido drástica e aceleradamente nas últimas décadas do século XX. Não obstante, é possível supor que esses fatos recentes se devam em alguma medida a processos similares que haveriam ali ocorrido no passado.

Não resta dúvida, portanto, que Iauaretê é uma localidade peculiar no contexto regional e possivelmente muito represen-



Terras Indígenas
Comunidade
Sedes Municipais
Municípios
Estados
Países

Fontes: Base Cartográfica (IBGE), Territórios Indígenas e Comunidades (ISA/FOIRN, 2018). Mapa elaborado pelo laboratório de geoprocessamento do ISA, maio de 2018

tativa dos processos de longa duração que vieram a atribuir feições próprias aos povos e as paisagens do alto rio Negro. Este é um motivo, entre outros, que torna a presente publicação ainda mais relevante, pois nela os Koivathe recuam a um tempo anterior à existência do mundo presente, por assim dizer, quando a cachoeira de Iauaretê adquiriu as formas que hoje podemos contemplar. Mais da metade do texto que se lerá a seguir se concentra em detalhar os feitos da chamada "gente-pedra", os *ɨtá-mahsã*, que farão emergir as pedras, lajes, paranás, praias e canais, desenhando os contornos da cachoeira e originando os modos pelos quais as gentes de hoje com ela se relacionam. Trata-se de um longo período no qual são fixadas as condições que irão permitir que uma futura humanidade venha se estabelecer do rio Uaupés e que vincula desde então a vitalidade dos Tariano ao lugar – isto é, seu crescimento e reconhecimento como um grupo diferenciado. Por esse motivo, seus movimentos posteriores pelo território assim constituído tomam a direção do Içana ao Uaupés, fazendo-os se deslocar desde seu lugar de surgimento como pessoas – a cachoeira de Uapuí, nas cabeceiras do rio Aiari, afluente do Içana, ao lado de outros povos de língua arawak, como os Baniwa, Warekena e Baré – até Iauaretê, um percurso com várias paradas e acontecimentos importantes. O estabelecimento de suas malocas em Iauaretê marca o início de uma nova etapa de sua história, no qual, entre alianças e conflitos, entram em relação com seus cunhados tukano e, mais tarde, com os brancos.

É importante mencionar que parte das histórias aqui transcritas já foram registradas por viajantes no passado, especialmente aquelas apresentadas na seção "As Guerras dos Tariano". Com efeito, essas são as mesmas histórias coletadas por Brandão

de Amorim e por Ermano Stradelli[1] no final do século XIX. Nesse sentido, é notável o empenho de Stradelli (ainda lembrado hoje em dia pelos Tariano como o famoso "Conde Marca") em, já ao final do século XIX, divulgar a importância dos Tariano de Iauaretê no contexto geral do rio Uaupés, esforçando-se por mostrar a ligação genealógica entre eles e o já então lendário chefe Buopé, a quem coube comandá-los nas guerras contra outros grupos. De modo importante, nos registros de Stradelli, como também nos de Brandão de Amorim, o chefe dos Koivathe é referido como Buopé. As histórias que os Tariano contaram ao viajante italiano o levariam a colocar em versos os feitos de seu antigo tuxáua:

> *"Os feitos e as vitórias alcançadas*
> *sobre as tribus visinhas foram tantas,*
> *que o nome de Boopé, crescendo em fama,*
> *como a flor da floresta que recende*
> *ao longe e pelo aroma se revela*
> *tornou-se em toda parte conhecido,*
> *e o Cairy quase o seu nome perde:*
> *hoje 'Rio dos Boopes' também se chama*
> *da gente do exforçado chefe Taria"*
> (Stradelli, [1900] 1964:92)

1 Brandão de Amorim, Antonio. [1928]1987. Lendas em Nheengatu e em Português. Manaus:Associação Comercial do Amazonas. Stradelli, Ermano. [1896] 1964. "Leggende dei Taria". In La Leggenda Del Jurupary e outras lendas amazônicas. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.

O velho nome Caiary, presente nas primeiras fontes do século XVIII, vem a dar lugar ao nome Uaupés, quando se constata que se trata do "rio dos Buopés". Este nome se generalizou ao final do século XIX, prestando-se a qualificar todos os índios do rio Uaupés. Os ares de lenda que a pena de Stradelli quis atribuir a este chefe dos Tariano dá a entender que sua influência viria a se estender a todos os grupos localizados na extensa zona que este rio percorre acima das primeiras cachoeiras de Ipanoré. Esta é, com efeito, a região em que as primeiras fontes do século XVIII situam os chamados Buopés. Já no século XIX o etnônimo carrega uma conotação pejorativa, contrastando os moradores desse rio àqueles das povoações coloniais do rio Negro, já então considerados "civilizados" – ainda que muitas pessoas da região desconheçam o significado do termo Buopé, ou mesmo Uaupé, há indicações esparsas de que sua tradução seria "comedor de tapuru". *Buopé*, antepassado dos chefes dos índios do Uaupés, era, no entanto, elogiado em versos, o que sugere uma posição de destaque dos Tariano de Iauaretê no que se refere às relações em curso com os colonizadores. A coincidência dos conteúdos entre as histórias registradas por Brandão de Amorim e Stradelli e aquela contada ainda hoje pelos Tariano sugere, com efeito, que o nome do chefe que ficou conhecido como *Buopé* era, de fato, *Koivathe*.

Mas por algum motivo, este nome não figura nesses registros mais antigos, como de resto praticamente nenhuma das auto-designações dos povos indígenas da região como um todo. De fato, quase todos esses povos vieram a ser conhecidos por traduções de seus nomes próprios na língua geral, o nhengatu introduzido por missionários já no século XVIII, como é o caso dos termos tukano, pira-tapuia, tuyuka, arapasso etc. Mas hoje

os tempos são outros, e enunciar os nomes próprios em sua língua de origem passou a ser a regra. Assim, tal como nas demais publicações da FOIRN, nesta também os Tariano de Iauaretê, e em particular aqueles residentes nas comunidades de Sta. Maria e São Pedro, contam a "sua própria história", um gesto que é inseparável da enunciação de um nome. Não se trata apenas de uma assinatura, que indicaria meramente a autoria da história, mas de um meio, um instrumento, com o qual a história, ela própria, foi e vem sendo feita e vivida. É por seu intermédio que, como se verá no relato koivathe, a fixação e o crescimento dos Tariano na cachoeira de Iauaretê veio a ser possível, pois, tal como o alimento que retiram das armadilhas de pesca que instalam em muitas de suas pedras, é ali também que encontram seus nomes. Como um dos autores desta publicação evocou em certa ocasião, "nossa história está escrita nas pedras". Das pedras às páginas da presente publicação, esses autores entregam às novas gerações não apenas uma memória dos fatos ocorridos no passado, mas também, poderíamos dizer, um guia para um futuro cada vez mais incerto. Pelo menos foi como pude entender seu chamado em 2002, quando pediram-me que os auxiliasse nessa transcrição. Como tiveram a oportunidade de afirmar em várias ocasiões, muitos jovens de Iauaretê vêm saindo de lá, por variadas razões, mas talvez sobretudo para buscar a continuidade de seus estudos – como muitos deles no passado para lá se foram com suas famílias. Por onde quer que andem, ponderavam os narradores da história, outras pessoas irão lhes indagar quem são e de onde vêm. Esta publicação, portanto, quer contribuir com os rapazes e moças que empreendem esses novos caminhos.

Tudo começou por iniciativa de Adriano e Pedro de Jesus, antigos capitães da comunidade de Santa Maria. Em 2002,

convocaram-me para uma reunião da qual participaram vários homens koivathe, das comunidades de Santa Maria e São Pedro. São eles: Luís Aguiar, Ernesto Aguiar, Pedro de Jesus, Adriano de Jesus, Durval Lana, Jacinto Aguiar, Bruno Araújo, Miguel de Jesus, Francisco Lana, Narciso Araújo, Raul Lana e Lídimo Lana, todos eles então com mais de sessenta anos. Uma primeira versão da narrativa resultou de três reuniões realizadas na residência de Pedro de Jesus, e que duravam o dia inteiro. Dessas reuniões também participou Domingos Lana, filho de Durval Lana, um padre indígena de Iauaretê que há pouco havia retornado para viver com a família. Mais jovem que os demais e tendo frequentado o seminário, Domingos é fluente em tukano e português. A história foi então repassada, em particular por Adriano de Jesus, Pedro de Jesus e Luis Aguiar, e debatida coletivamente, tendo seus detalhes sido longamente discutido. A cada trecho que ia sendo estabelecido, era feita uma pausa, na qual Domingos fornecia oralmente uma tradução em português, que por sua vez era imediatamente avaliada pelos presentes. Em seguida, minha tarefa era a de refazer a tradução de Domingos por escrito no computador. Seguia-se então uma leitura do que eu havia podido registrar e uma nova rodada de acréscimos e complementações permitia o estabelecimento final da tradução. Alguns esclarecimentos que eram feitos para que eu pudesse compreender os detalhes da história foram convertidos em notas de rodapé, para que também o leitor possa ter acesso a detalhes relevantes que, em muitos casos, não fazem parte da narrativa em si.

Devo dizer que se tratou para mim de um exercício fascinante, a partir do qual eu testemunhava a produção de uma versão coletivamente pactuada da história de origem dos

Tariano, autorizada, por assim dizer, por homens de todas as linhas de descendência do clã Koivathe – tendo, não obstante, como narradores principais os autores da presente publicação. Penso que essa especificidade das condições e circunstâncias de produção desse manuscrito atribuem a ele características próprias e um tanto distintas de outras histórias já publicadas na coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro*. Enquanto essas últimas trazem textos individualmente narrados nas línguas originais, em geral traduzidos e transcritos em português por um dos filhos do narrador, aqui apresenta-se uma versão mais coletiva, e, por isso, relativamente mais sucinta do que cada um dos participantes poderia fornecer em um relato individual – caso em que, como se passa nos demais volumes da coleção, cada narrador discorre de modo próprio sobre certos detalhes, bem como acrescenta ao relato das origens uma amostra de seu repertório pessoal referente a uma série de outras histórias autônomas, e que versam sobre episódios específicos e que envolveram os seres do começo. O experimento que empreenderam os Koivathe nessa publicação consiste, portanto, em uma iniciativa peculiar, que pode ser entendida como a formulação de uma fala pública produzida no atual contexto do povoado de Iauaretê. Dirigem, dessa maneira, uma mensagem a todos os seus moradores, dentre os que ali estão há muitas gerações e aqueles que ali se fixaram mais recentemente. E, como foi aludido, ao mesmo tempo que rememoraram os acontecimentos que atribuíram feições ao lugar, refletem implicitamente sobre a vida e o futuro das novas gerações.

De modo importante, a primeira versão do texto gerada em 2002 foi a base sobre a qual se iniciaram, entre 2004 e 2005, as discussões sobre a possibilidade de se registrar a cachoei-

ra de Iauaretê com patrimônio cultural de caráter imaterial, deslanchadas por ação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Este órgão, responsável desde 2002 pela implementação de uma política de reconhecimento do patrimônio cultural intangível brasileiro (baseada do decreto 3551/1998), ensaiava então a inclusão de uma experiência com povos indígenas no quadro dessa iniciativa. O alto rio Negro foi eleito para tal experiência certamente em função do dinamismo da FOIRN na execução de projetos culturais e educacionais em período posterior à demarcação das Terras Indígenas em 1998. Logo em uma primeira reunião no ano de 2004 na sede dessa organização, os Tariano de Iauaretê, representados pelos narradores desta publicação, propuseram, com base no próprio trabalho de registro de narrativas que já vinham realizando, a cachoeira de Iauaretê como um primeiro caso a ser registrado em um outro livro: o Livro dos Lugares, um dos instrumentos da política de patrimônio imaterial então recentemente instituída pelo IPHAN[2]. E de fato, isso veio a ocorrer em agosto de 2006, após um extenso trabalho de documentação que envolveu várias viagens de uma equipe interdisciplinar a Iauaretê com a finalidade de efetuar um registro audiovisual e fotográfico de todos os lugares importantes da cachoeira. O guia para esse trabalho foi o manuscrito que havia sido gerado em 2002 pelos homens Koivathe. Ao longo do processo, e com a ampliação da

2 Os bens culturais registrados pelo IPHAN são inseridos em quatro livros: Lugares, Modos de fazer, Saberes e Celebrações. Uma vez registrados, esses bens recebem o reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro na forma de um diploma, que promove um "Plano de Salvaguarda", com ações destinadas à sua preservação.

discussão junto aos outros povos de Iauaretê, outros pontos da cachoeira vieram a ser apontados, demonstrando que o lugar é igualmente relevante no contexto das narrativas tukano. Tal fato, bem como o conjunto de debates locais que suscitou à época, levaram ao reconhecimento da cachoeira como "lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri" pelo IPHAN em agosto de 2006.

Não obstante a ampliação da titularidade do registro, que veio a abranger todos os povos do Distrito, a narrativa tariano que já vinha sendo transcrita cumpriu um papel decisivo no processo, tendo sido por intermédio de seus autores que a atenção dos responsáveis pelo convênio que o IPHAN estabeleceu com a FOIRN foi atraída para Iauaretê. Vale mencionar que ao longo do processo de documentação uma nova versão parcial da narrativa tariano-koivathe veio a ser registrada em vídeo, agora fornecida exclusivamente por Adriano de Jesus, Pedro de Jesus e Luis Aguiar. Aspecto interessante desse novo registro é que parte dele foi realizado *in locu*, isto é, as falas foram proferidas nos próprios locais onde se passaram vários dos eventos da história, o que facilitou ainda uma extensa documentação fotográfica das pedras da cachoeira, que registram em suas formas e proporções os eventos da história. Todo o material fotográfico que ilustra esta publicação foi produzido nessa ocasião. Além disso, o material bruto registrado em vídeo prestou-se à edição do documentário "Cachoeira das Onças", dirigido por Vincent Carelli, do Vídeo nas Aldeias[3]. Por fim, parte da narrativa foi

3 Disponível do Youtube, canal Vídeo nas Aldeias.

ainda divulgada no livro “Cachoeira de Iauaretê”, que consiste no dossiê preparado para tomada de decisão pelo Conselho Consultivo do IPHAN quanto ao registro que abriu o Livro dos Lugares do IPHAN[4]. Ambos os materiais foram fartamente distribuídos pela região do alto rio Negro.

Esses acontecimentos adiaram os planos de publicação de um livro específico contendo a íntegra da narrativa Koivathe. Porém, ao longo da execução de algumas atividades que vieram a compor o Plano de Salvaguarda, uma pequena parcela dos recursos veio a ser destinada para a complementação e finalização do trabalho que fora realizado em 2002. Entre 2008 e 2009, foi possível reunir, agora na cidade de São Gabriel da Cachoeira, os três autores em duas ocasiões, uma delas chegou a se prolongar por duas semanas. Esse foi o momento em que a narrativa chegou à versão ora publicada. Naquele momento, a intenção era a de complementar suas partes conclusivas, acrescentando informações mais detalhadas sobre a intensificação das relações com os brancos a partir das últimas décadas do século XIX. Uma série de circunstâncias inviabilizaram a concretização desses planos. Nos anos seguintes, um dos autores (Luis Aguiar) mudou-se de Iauaretê, Adriano e Pedro de Jesus adoeceram em diferentes momentos e, por fim, Ernesto Aguiar, que guardava informações importantes para a finalização do texto, veio a falecer. Finalmente, em agosto 2017, pude me encontrar novamente com Adriano em Iauaretê, após um intervalo de dois anos

4 Ver IPHAN. 2007. Cachoeira de Iauaretê. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Série Dossiês do Patrimônio Imaterial.

e meio sem sequer um contato telefônico. Pusemo-nos então a reler o manuscrito na forma como havia permanecido desde 2009. Em uma semana, Adriano acrescentou pequenos detalhes (em particular um pequeno esclarecimento sobre a história de *Bisiu*) e corrigiu uns poucos pontos referentes a nomes de lugares. Avaliamos então que devíamos buscar os meios para publicar e divulgar o manuscrito. A principal razão para isso deve-se ao fato de que, passados dez anos do reconhecimento da cachoeira de Iauaretê como patrimônio cultural brasileiro, agora é o momento em que o IPHAN deverá proceder a uma revisão do registro e avaliar em que medida deve ser revalidado. Outros projetos de mapeamento de “lugares sagrados” vêem proliferando pela região, em especial o grande projeto “Mapeo”, que proporcionou uma extensa documentação de lugares importantes ao longo de todo o rio Negro e Uaupés, entre 2013 e 2015. Essas novas iniciativas vêem apontando para a possibilidade de renovação do registro da cachoeira de Iauaretê em forma ampliada, isto é, na verdade de efetuação de um novo registro que possa proporcionar um reconhecimento maior de toda uma rede de lugares dispersos e conectados através do curso dos rios da região e que em seu conjunto expressam as próprias conexões entre os povos indígenas do alto rio Negro.

Eis, portanto, que o momento atual nos pareceu ainda apropriado para a publicação desta narrativa após 16 anos do início de sua transcrição. Além disso, vale destacar que nos últimos anos muita gente passou a sair de Iauaretê, dentre eles os mais jovens, que buscam cada vez mais oportunidades crescentes de acesso de estudantes indígenas nas universidades públicas brasileiras. O que no passado já pressentiam os Koivathe, parece agora confirmar-se. Este pequeno livro que agora

entregam ao público do rio Negro e de alhures talvez possa vir a ser também uma forma pela qual aqueles jovens de Iauaretê que partem para São Gabriel, Manaus ou outras cidades mais distantes, possam levar consigo algo da Cachoeira das Onças. De minha parte, espero ainda que, após um lapso de 11 anos, este modesto volume possa representar um novo impulso para a *Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro*.

Geraldo Andrello
São Carlos, janeiro de 2018

1. A Origem do Mundo

No início, quando não existia nada, só existia um ser [*masa bahutígɨ*, pessoa que não aparece], o Trovão, *Ennu* [*Hipéweri Hekoapi*]. Em seu corpo ele tinha vários adornos, a *maha poari* [cocar feito de penas de arara, de tukano, de garça, de japu, osso de macaco barrigudo, de veado, e pelos de um pequeno preguiça], o *ɨtaboho* [cilindro de pedra de quartzo, ladeado por dentes de onça e miçangas de quartzo], o *betâpa'* [enfeite de cotovelo feito de pele da pequena preguiça], o *yaigɨ* [um bastão de comando que ele segurava com sua mão direita] o *batiparó* [escudo feito de pele de anta, que segurava com sua mão esquerda], o *kitió* [chocalho do calcanhar direito, feito de sementes de uma trepadeira]; também levava seu cigarro de rapé encaixado na forquilha, sua cuia de *ipadu* [pó de folhas de coca torradas] e sua cuia de *weri* [bebidas doce, que incluem: suco de cucura, suco de buiuiú, suco de ingá, suco de abiu, caldo de cana, mel de abelha; todas essas plantas cresciam ao redor de sua casa]. Tudo que ele possuía, sua casa, seus instrumentos e seus adornos eram de pedra quartzo. Ele vivia só em sua casa, no alto, e começou a pensar em criar novos seres.

Ele pensou primeiramente em dois seres, Sol [*ɨmikoho muhipu*] e Lua [*yamikɨ muhipu*]. Em seguida, pensou nas Estrelas [*yokoãpa*] e na Tempestade [*uinonó tu´tuaró akóro mera*; isto é, as nuvens, o vento forte e a chuva]. Depois disso, Trovão pensou em um homem e em uma mulher, Kui e Nanaio. Mas ele não sabia ainda como faria. Pensou então em preparar os meios [*bahuresehe*, coisas de propiciar surgimento] para conseguir isto.

Ele pegou um cigarro, e pensou num par de pari de quartzo transparente, num par de bancos de quartzo transparente, em duas cuias de quartzo transparente com seus dois suportes, em um par de *yaigɨ* de quartzo, em dois cigarros encaixados em suas forquilhas e em duas cuias de ipadu. Pensou também em um par de escudos e também em um par de *maha poari* e em dois pares de brincos de pedra brilhante. Pensou ainda em um par de *ɨtaboho* e em dois pares de *kitió*, chocalhos de calcanhar. Também pelo seu pensamento, enchia as cuias com bebidas doces, *weri*. Depois disso, ele fumou seu cigarro e soprou a fumaça no chão e todas as coisas que haviam em seu pensamento apareceram ali. Kui e Nanaio apareceram também, e sentaram-se nos bancos de quartzo, que estavam sobre os paris. Tudo isso aconteceu em *Bɨpó-wií*, a casa de Trovão. Eles não eram pessoas como nós, pois seu corpo não era ainda como o nosso. Chamamo-os de *Bɨpó-porã*, "Filhos de Trovão". Eles receberam todos os instrumentos e adornos de Trovão.

Sentados, passaram a beber o conteúdo das cuias. Isso fazia com que a força de vida aumentasse em seu corpo, já que ao surgir haviam enfraquecido. Trovão via que seu pensamento dera certo. Então disse que eles seriam os responsáveis para fazer surgir a gente-pedra, os *ɨ´tá-masa*, os quais irão, finalmente, dar origem à futura humanidade. Dizendo isso, ele os deixou, e se dirigiu para *diâ-pa'sâro-wi'í*, uma casa localizada a oeste. Essa casa tem para nós a aparência de uma serra. Sentado sobre ela, Trovão ainda pensou que estava faltando alguma coisa.

Sentado em seu banco com todos os instrumentos e adornos, fumou o cigarro de vida e deixou cair um pouco de cinza. Essas cinzas formaram a terra em que vivemos hoje em dia. Ele cuspiu um pouco do ipadu que mascava, e assim apareceram

todas as florestas, de todos os tipos, com todas as árvores frutíferas. Deixando derramar um pouco de sua saliva, fez aparecer todos os rios da Bacia Amazônica. As águas que correram por esses rios vieram a formar o oceano.

Então, ele retirou um de seu brincos, o *apoá-piri*, feito de uma pedra brilhante e transparente que refletia sete cores: amarelo, vermelho, azul claro, azul escuro, verde claro, verde escuro e branco. Ele jogou o brinco no rio, o que deu origem a todos os habitantes das águas, os peixes, que assumiram o formato dos brincos e se diversificaram de acordo com as cores que ele refletia. Essa é a origem de todos os peixes dos rios e oceanos.

Depois, Trovão retirou uma das penas de seu cocar e deixou cair. Dessa pena, surgiram todas as aves. Em seguida, retirou o pequeno osso de macaco que havia em seu cocar, quebrou e deixou cair um dos pedaços. Desse pedaço de osso, surgiram todos os animais. Trovão também retirou uma das castanhas de seu chocalho *kitió* e deixou cair no rio. Dessa castanha, apareceram muitos *ɨ'ta-masa*, a gente-pedra, que passou a viver ao longo de todos os rios que haviam se formado. Eles vivem nas pedras das cachoeiras e nas serras até hoje, sendo uns de boa e outros de má índole. Em alguns desses lugares eles vieram a formar casas. No morro do Cruzeiro em Iauaretê, ficou um deles. Seu nome é Wehkomi, e, como veremos, deveria ter participado no aparecimento dos Tariano. Por isso, o nome verdadeiro desse morro é *Wehkomi wi´i* [casa de Wehkomi]. De outra castanha de seu chocalho, fez aparecer muitas serras. Depois disso, Trovão retirou seu *ɨtaboho*, o colar de quartzo, e o amassou com o poder do seu pensamento Atirando-o no rio, fez com que se formassem várias praias nas margens dos rios e ilhas, bem como nas costas oceânicas. No mesmo movimento,

apareceram lugares com muita areia, aqueles que os brancos chamam de desertos. Tudo isso que foi criado por Trovão veio a ser nomeado por Kui e Nanaio.

Em seguida, Trovão voltou para sua casa. Os *î'ta-masa* que surgiram da castanha de seu chocalho, e os lugares onde foram habitar, todos eles nas imediações da cachoeira de Iauaretê, são os seguintes:

•*Yaí upiri-pakâna-masa*: gente-onça de dente grande [cachoeira de Iauaretê];

•*Wehkomi*: [morro do Cruzeiro, Iauaretê];

•*Yetoĩ*: caba grande [foz do rio Papuri];

•*Tátali*: pássaro can-can [rio Uaupés, acima da cachoeira de Iauaretê]

•*Dûme*: aracu [rio Uaupés, um pouco acima do bairro D. Bosco, ponta do *dûme*]

•*Kapatho*: bodó [rio Uaupés, um pouco acima do anterior];

•*Písiri*: morcego [rio Papuri, vizinho à Aduana colombiana];

•*Iñe*: "diabo" [tipo de *wãti*, espírito do mato, rio Papuri, entre as comunidades de Japurá e Sta. Maria];

•*Nhamu*: *Boraró* [rio Papuri, vizinho ao anterior];

•*Dápa*: paca [rio Papuri, vizinho ao anterior];

•*Watoporó*: tipo de borboleta grande [rio Papuri, entre as comunidades de Japurá e Aracapá];

•*Musinó*: grilo [rio Papuri, no Lago do Grilo, muito próximo à comunidade de Japurá,];

•*Waakí*: macaco zogue-zogue [*Waû-poá*, cachoeira de Zogue-Zogue, rio Papuri, na Aduana colombiana];

•*Yé*: *pamô*, tatu [Ilha de Tatu, rio Papuri, abaixo da comunidade de Japurá];

•*Andarô*: arara [rio Papuri, próxima à pista de pouso da Aduana colombiana];

•*Siinú*: cachorro [perto do porto do posto da FUNAI, na comunidade de Santa Maria];

•*Na'tâti*: tipo de pequeno sapo [ilha da foz do rio Papuri];

•*Menê-oâni*: formiga taracuá [ilha defronte à comunidade de Santa Maria];

•*Iamaru*: arraia [defronte a Missão de Iauaretê];

•*Hema*: anta [rio Papuri, acima da Aduana colombiana];

•*Ya'kôro*: *Miriã-masi,* jurupari [cabeceira do Igarapé Otó--Maa, que deságua no rio Papuri, entre as comunidades de Santa Maria e Japurá].

Entre esses *î'ta-masa*, que se chamam na língua tariana *hipada-nauiki*, surgiram Wehkomi e Ye'pâ-masi, o ancestral dos Tukano. Mas aqui não falaremos de Ye'pâ-masi, pois quem conta sobre ele são os Tukano. São os dois que teriam a responsabilidade pelo aparecimento da futura humanidade. Todas as gente-pedra que ficaram nas imediações de Iauaretê tinham bom relacionamento entre si. Yetoĩ, o velho caba, casou-se com uma parente [*akawéreo*] dos Yaípiri-pakâna-masa, a gente-onça. Essas onças eram pajés poderosos [*yaí*, em tukano, *enuné-inipé*, em tariana], e benzedores [*kumua*, em tukano, *marike-minali*, em tariana]. Por serem poderosos, eles sabiam que Wehkomi iria ser o chefe de um grupo muito numeroso e forte. E isso não os agradava nem um pouco, pois não queriam que outro grupo aparecesse para ameaçar seus domínios. É por isso que começaram a pensar em uma maneira de acabar com Wehkomi.

Para capturar Wehkomi, eles usaram seu *upî-mɨroró* [cigarro-arma], tirando-o de sua casa tal como um gavião agarra sua presa *(foto 1)*. Arrastaram-no até a beira do rio, planejando torturá-lo até a morte. Ele foi amarrado e jogado várias vezes até cair no rio. Esse lugar ficou conhecido como ponta de Wehkomi [*Wehkomi yoã*] *(foto 2)*. E continuou sendo arrastado rio acima pela beira. Tentando escapar das Onças, ele se transformou em peixe cuiu-cuiú [*waî senɨ*], mas as Onças o pegaram. Nesse lugar, o porto principal de Iauaretê, em frente ao velho hospital, surgiu a Pedra de Cuiu-Cuiú e se formou um pequeno igarapé que também leva esse nome *(foto 3)*. Mais acima, ele se transformou em abacate [*u´uyão*], no porto da Missão, onde também há uma pedra com esse nome *(foto 4)*. Voltando à sua aparência, foi arrastado até o lugar onde hoje é o porto do bairro São Miguel. Ali se transformou em gavião [*péeri*, em tariano, *a'a*, em tukano], e por isso há ali uma pedra com esse nome *(foto 5)*. Em seguida, as Onças tentaram acabar de vez com ele, arrastando-o por entre duas pedras a fim de lhe arrancar a cabeça. Mas ao fazê-lo, abriu-se ali um espaço entre as pedras, formando uma caverna [*susulí yu´ti*].

Então arrastaram-no até o porto do bairro D. Bosco, onde Wehkomi transformou-se em bodó [*ya´ka*, em tukano]. Mais acima, transformou-se em raízes [*diicida*, em tariano, *yĩenó*, em tukano] *(foto 6)*. Continuou sendo arrastado, até que um pouco mais acima se transformou em fruta abiú [*hemalida*, em tariano, *ka'reá*, em tukano] *(foto 7)*. Dali, foi jogado para uma ilha no meio do rio, onde se transformou em pássaro araçari [*maaruri*, em tariano, *anɨnó*, em tukano]. Nessa ilha, formou –se o pequeno Paraná de Araçari *(foto 8)*.

Dessa ilha, ele foi jogado para a outra margem do Uaupés, onde hoje é a Colômbia. Desse ponto, ele passou a ser arrasta-

1. Casa de Wehkomi.

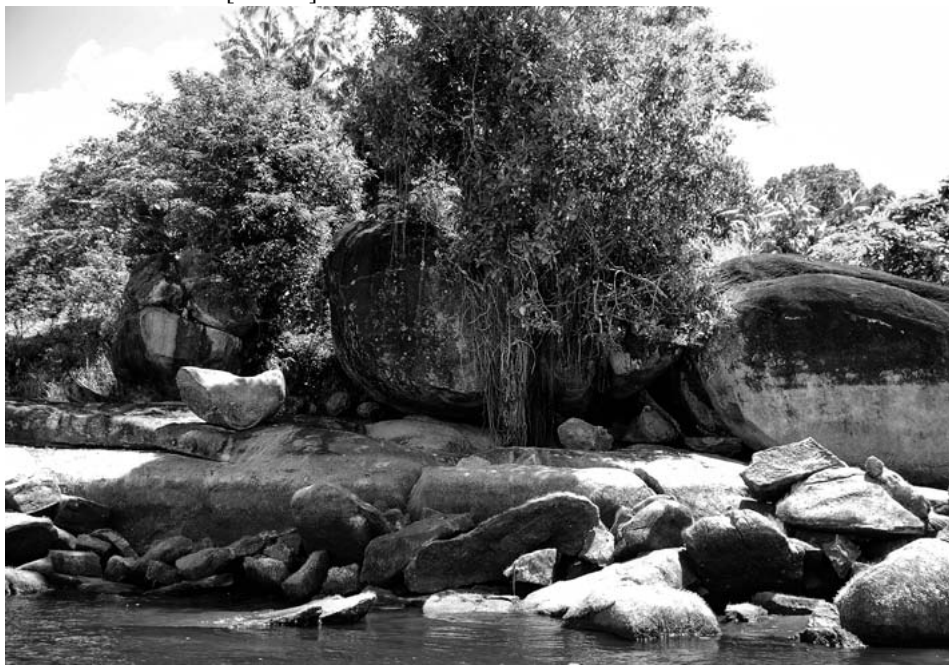
2. Ponta de Wehkomi [*Wehkomi yoã*].

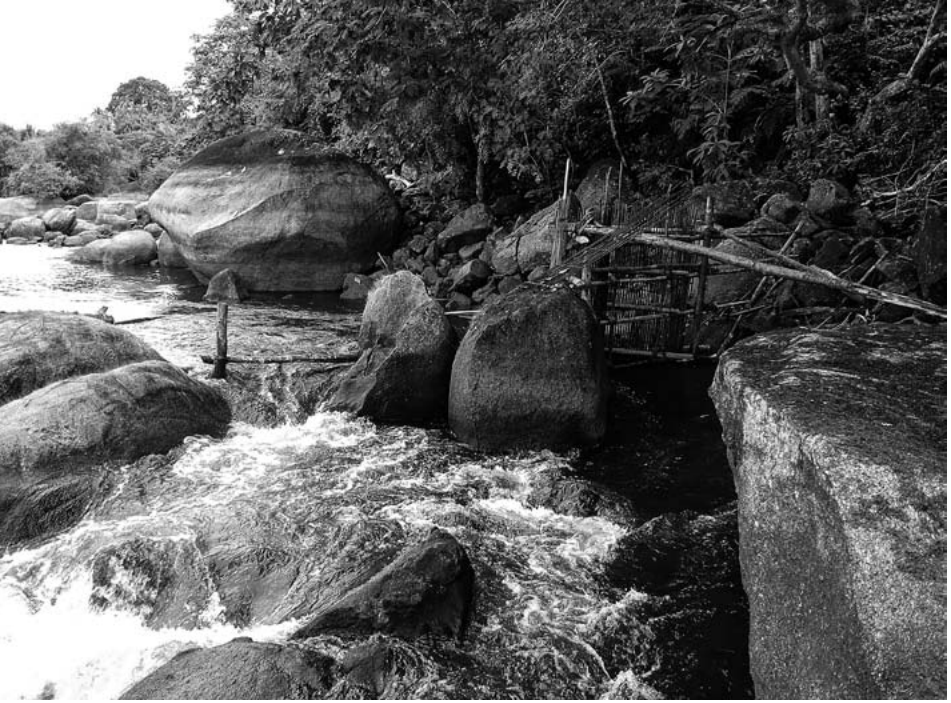
3. Pedra de Cuiu-Cuiú [*waî senɨ*].

4. Pedra de Abacate [*u´uyão*]

5. Pedra de Gavião [*péeri*].

6. Ponta de Raiz [*diicida*].





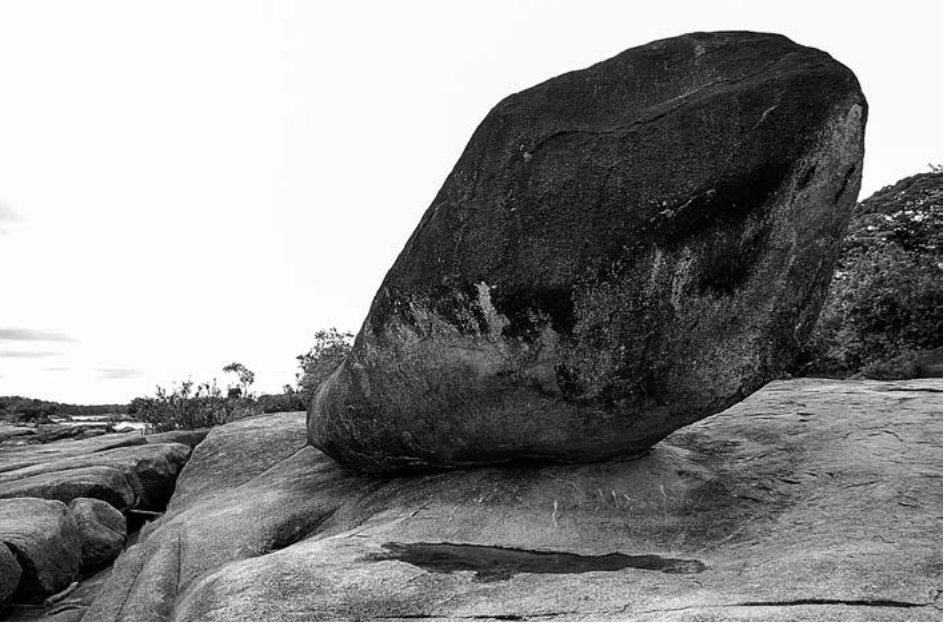
7. Abiú [*hemalida*].

8. Paraná de Araçari.

do para baixo, também pela beira do rio Uaupés, até a foz do Papuri, tendo se transformado sucessivamente em arara [*adaro*, em tariano, *maha*, em tukano] *(foto 9)*, aranha caranguejeira [*eni*, em tariano, *bɨpî*, em tukano] *(foto 10)*, asa de arara [*adaro inapema*, em tariano] *(foto 11)*, coro-coró [*curi*, em tariano, *kotó*, em tukano] *(foto 12)*, jacaré [*kásiri*, em tariano] *(foto 13)* e caranguejo [*kuheni*] *(foto 14)*. Em todos esse lugares apareceram pedras que lembram a forma desses animais.

Desde que o capturaram em sua casa, as onças o levaram primeiramente rio acima, atravessando em seguida o Uaupés, para em seguida descer pela outra margem até o Papuri. Nesse percurso, circundaram toda a cachoeira de Iauaretê, em cujo centro se encontra a Casa das Onças. Todas as pedras que apareceram são lugares apropriados para a montagem das armadilhas de pesca dos Tariano, os caiás, cacuris e matapis. Na verdade, Wehkomi ia se transformando já pensando nos seus netos. As formas, orifícios e marcas dessas pedras são orientações para a colocação das armadilhas, mas é preciso montá-las de maneira precisa para poder pegar os peixes. Os peixes capturados nessas armadilhas devem ser devidamente benzidos [*basesehé*, em tukano], caso contrário os filhos dos pescadores podem nascer com deficiências.

Depois disso, ele foi jogado no meio do rio, no lugar onde o Papuri deságua no Uaupés. Nesse lugar formou-se a laje do martim-pescador [*ialeru*], porque ali Wehkomi ainda se transformou nessa ave *(foto 15)*. Desse lugar, Wehkomi, já quase morto, foi arrastado até *upí-umu*, um tipo de cacete de madeira muito dura. Esse lugar ficou com esse nome porque ali Wehkomi soltou sua arma, que vinha carregando até então. Ele seguiu sendo arrastado até *ehu dukali uairó* [cacuri de pedaço de timbó]. Nesse lugar,



9. Arara [*adaro*].

10. Aranha caranguejeira [*eni*].

11. Asa de arara [*adaro inapema*].

12. Coro-coró [*curi*].

13. Jacaré [*kásiri*].

14. Caranguejo [*kuheni*].

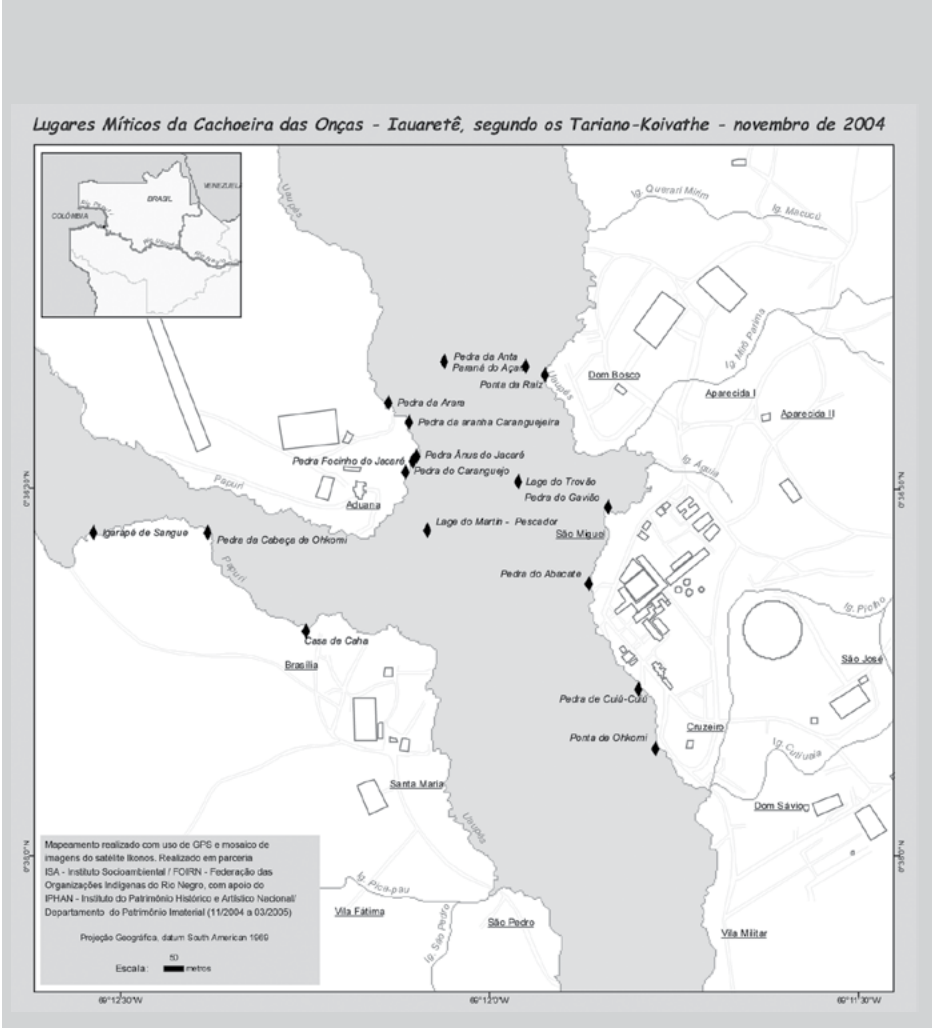
15. Laje do Martim-pescador [*ialeru*].

havia duas pedras com um pequeno espaço entre elas, pelo qual o corpo de Wehkomi foi arrastado. Sua cabeça ficou presa ali, tendo sido arrancada do corpo. Ainda hoje, a cabeça está ali, na forma de uma pedra *(foto 16)*.

16. Cabeça de Wehkomi.

As Onças, finalmente levaram o corpo de Wehkomi até uma pedra localizada um pouco mais acima no rio Papuri. Nessa pedra, há um buraco, onde seu corpo foi socado com paus de madeiras muito pesadas. O sangue que escorreu formou um paraná na própria rocha, que ficou conhecido como Paraná do Sangue [*dîma*, em tukano, *iritapuré*, em tariano]. As Onças convidaram todos os demais gente-pedra para comer Wehkomi. Juntamente com as Onças, Iawie-Inipé, Tátali, Kapatho, Dûme, Iñe, Nhamu, Dápa, Musinó, Waakí, Ye, Hema começaram a comer. Dois deles não quiseram vir, Ya' kôro, Watoporó, ao passo que Yetoĩ, embora estando presente ao banquete, não chegou a comer Wehkomi. As Onças haviam dito que nada poderia restar de seu corpo, de modo que os que ali estavam deveriam comer absolutamente tudo, sem deixar restos. Yetoĩ, como os outros, disse que estava comendo tudo, sem deixar nada de lado, mas, na verdade, sua intenção era salvar nem que fosse um pequeno pedaço do corpo de Wehkomi.

Foi então que ele conseguiu encontrar os três ossos do dedo mínimo de sua mão direita. Fingindo estar espantando uma mosca em suas costas, aproveitou para jogar esses ossos para cima. E assim, os ossos de Wehkomi chegaram até *Bɨ'pô wi'í*, a casa celeste de Trovão. E ao chegar lá, ouviu-se um grande estrondo. Os que lá embaixo participavam da refeição, assustaram-se e começaram a se perguntar quem haveria deixado escapar algum pedaço. Mas todos diziam que não haviam deixado escapar nada. Para disfarçar, Yetoĩ começou a lamber o sangue, querendo demonstrar que ele havia comido tudo.



Depois, todos voltaram para suas casas entristecidos. Quando foi meia-noite, os três ossos que haviam sido lançados para cima caíram no Uaupés, em um lugar *Bɨpó-paa*, Laje do Trovão. Ouviu-se nesse momento mais um estrondo, e, ao amanhecer, Yetoĩ disse à sua esposa que aquilo devia ser a chegada dos filhos do sangue do trovão [*bi'pô-diroá-po'rã*, *ennune-ianapere*, em tariano], mais conhecidos como Diroá.

Yetoĩ e sua esposa tentaram pegar esse ossos, que, ao caírem, já haviam se transformado em peixe limatupe [*korubisa*, em tukano]. Mas esses não eram peixes comuns, pois a mulher não conseguia capturá-los com o seu puçá[5]. Os peixes viravam água e escapavam por entre os fios de tucum. Em seguida, os pequenos peixes pularam para *minó-paa* [lage brilhante], onde também não foi possível capturá-los.

Como não conseguiam pegá-los, Yetoĩ e sua esposa subiram até a casa de Trovão para pedir ajuda. De lá voltaram com dois tipos de tucum: *iawi-kumalipe*, tucum de onça, e *hená-kumalipe*, tucum de jacundá. Trouxeram duas hastes de folhas das palmeiras desses dois tipos de tucum. Então fizeram um novo puçá com essas novas fibras. Quando eles voltaram para tentar novamente capturar os peixinhos, estes já haviam pulado para outra parte do rio, no lugar chamado *amuku-taku* [*batî*, balaio de cipó], onde foram pegos com o novo puçá. Como pulavam muito dentro do puçá, a velha o tampou com o balaio, até que os peixinhos ficaram mais calmos. Em seguida, deixou o balaio ali mesmo e os levou para casa no próprio puçá *(foto 17)*. Yetoĩ e sua esposa colocaram os peixinhos diretamente no pequeno matapi[6] [*biá tûnuɨ*] usado para defumar pimentas. Então os peixinhos se transformaram em três grilos e começaram a comer pimenta. Assim começaram a crescer e ficar fortes. Por isso que até hoje os Tariano consomem muita pimenta.

5 Pequena rede de fibras de tucum preá e varas ou cabos de cipó, utilizada para apanhar peixes.
6 Cilindro trançado com hastes de folhas de bacaba fechado nas duas extremidades.

17. Cozinha do Avô-Caba.

Toda noite, porém, saíam de seu lugar e íam urinar nos olhos de sua avó. Depois de três meses fazendo isso, ela resolveu castigá-los. Aproveitando uma ocasião em que os Diroá havia entrado no pilão em que seu marido costumava socar ipadu, ela os fechou ali com breu e jogou no rio. O pilão vedado com breu foi descendo com a correnteza e encostou em uma ponta chamada *mapudatia-taku* [*bu'u-wahâro-yoã*, ponta da cuia de cotia]. Ali, saíram para a beira, pegaram o pilão e voltaram para a casa dos avós. Encontraram sua avó chegando da roça e lhe mostraram o pilão, dizendo que o haviam encontrado boiando no rio. Ao sair desse pilão, os Diroá já assumiram a aparência humana e passaram a se chamar Kuenaka, Kali e Kui. Kuenaka, o irmão maior, foi quem definiu essa sequência de nomes, usados da mesma maneira – dos mais velhos aos mais novos – até hoje por alguns grupos Tariano.

Eles continuaram vivendo com os avós. Certo dia, acompanharam a avó que ía pegar maniuara num buraco na pedra do igarapé Mekâ-maa, afluente do Epêsa-yaa, *Uataracapana--poa* em tariano. Ali perto, eles subiram em um pé de *epêsɨ*[7] e puderam avistar as roças da Gente-Onça, que ficavam no lugar onde hoje está a Aduana colombiana. Disseram à avó que ela já não deveria reclamar da falta de roça, pois lá havia muitas. Então começaram a atirar frutos de *epêsɨ* naquelas roças. Ao cair, os frutos se transformavam em cotias, e as mulheres de lá não conseguiam matá-las com seus instrumentos de paxiúba de fazer covas. Os Diroá também pegaram as pequenas folhas dessa árvore e atiraram no rio Papuri. Elas caíram um pouco acima da cachoeira de Aracapá, em Ucapinima[8], e ali deram origem a todos os pequenos peixes de igarapé, chamados genericamente *mawiá*. Um deles, o tamboatá, possui escamas com a forma das folhas de *epêsɨ*. A velha então mandou que eles descessem da árvore, mas eles não a obedeciam. Por isso, a partir de seus pelos pubianos, ela fez surgir tocandiras, e disse-lhes que estas iriam subir para pegá-los. Eles então pensaram em ser como um pica-pau, que se agarra aos paus e não cai e começaram a descer de costas, como faz o pica-pau. Mas quando as formigas lhes picaram, não aguentaram e caíram desmaiados.

Na verdade, ao caírem, se fizeram de mortos, porque sabiam que a avó iria benzer para que revivessem. Eles queriam saber como ela benzia. Pelo seu pensamento, se puseram invisivelmente próximos à boca da velha, podendo assim ouvir suas palavras, ditas de maneira quase silenciosa. Depois que a velha

7 Tipo de ingá, mais curto e chato.
8 Esse é o limite da área ocupada pelos Tariano dentro do rio Papuri.

os benzeu, eles voltaram a si e quiseram testar por si mesmo esse benzimento[9]. Para isso, fizeram que uma quantidade muito grande de formigas saísse do buraco da pedra, transformando os vários tipos que apareciam em formiga maniuara. Dessa maneira, o aturá da velha ficou lotado. Por seu pensamento, fizeram aparecer ali uma folhagem de mato de aranha [*bɨpɨa-puri*, em tukano], para que a velha fosse apanhá-las a fim de guardar mais maniuaras. Também pensaram em talas de arumã[10] para trançar em forma de aranha. Usaram os dentes das maniuaras para fazer os dentes dessa aranha. Então, quando a velha foi apanhar as folhas, levou uma mordida dessa aranha. Assim, a velha caiu morta. E eles disseram que aquilo doía como a picada da tocandira. Eles reviveram a avó com mesmo benzimento [*pañia-panipé* , em tariano, *basesehé* , em tukano] que ela havia usado antes. Depois disso, voltaram todos para casa.

Em casa, a velha torrou as maniuaras e guardou para levar às suas cunhadas, para poder tirar mandiocas de suas roças. Mas como ela não queria levar apenas maniuaras, pediu aos Diroá que fossem pescar. Eles foram ao rio Papuri, no lugar onde haviam jogado as folhas do pé de *epêsɨ*. Lá, prepararam seus matapis de hastes de folhas de bacaba. Eles pegaram cupins e colocaram dentro do matapi para atrair os peixes tamboatá e

9 O que se chama aqui de benzimento é, em tukano, dito basesehé, extenso conjunto de encantações usadas pelo benzedor para proteção e curas. São em geral sopradas num cigarro, cuja fumaça é, por sua vez, soprada sobre as pessoas. Esse episódio da história dos Diroá pode ser considerado a própria origem dessas encantações, já que é aqui usado pela primeira vez para trazer alguém de volta à vida.
10 Arbusto que possui hastes compridas, das quais se retiram talas para a produção de cestaria.

de outras espécies. No dia seguinte, cada um deles trouxe seu matapi com peixes. Antes de chegar, pararam para tomar banho no Papuri acima de Ituim, onde existem algumas pedras conhecidas como *Diroá-paa* [*Ireni-koana*, em tariano].

No dia seguinte, os Diroá foram com a velha visitar suas cunhadas, levando os matapis de peixe e o aturá de maniuaras. Ao chegarem na maloca das onças, as mulheres de lá viram que o matapí dos Diroá era muito pequeno, e logo pensaram que a quantidade de peixes era mínima. Para zombar deles, colocaram no centro da maloca muitas vasilhas de tuiuka[11] e grandes balaios[12], para que ali eles despejassem os peixes. Mas, com o primeiro e segundo matapis, os Diroá lotaram as vasilhas de peixes. Com terceiro matapí, eles continuaram despejando, fazendo as vasilhas transbordarem de peixes, que se espalharam pelo chão. Isso causou uma grande surpresa às mulheres.

Depois disso, a avó dos Diroá acompanhou as cunhadas e as sobrinhas à roça para tirar mandioca, deixando-os na maloca. Quando as mulheres estavam para chegar lá, os Diroá se transformaram em pássaros-tesoura [em tukano, *uehêri-téri*], e voaram para sentar no próprio aturá da avó. A meninas que estavam ali gostaram muito dos pássaros, perguntando à velha se era ela que os criava. Dizendo que sim, que eram seus passarinhos, a velha já percebia que se tratava dos Diroá disfarçados. Como as meninas quiseram pegá-los, eles voaram para o mato, e elas correram atrás. Lá, se transformaram novamente e tiveram relações sexuais com as meninas. Depois disso, os Diroá voltaram para casa com a avó.

11 Barro cinzento utilizado para fabricar cerâmica.
12 Grande trançado circular de arumã utilizado para aparar a massa de mandioca já ralada.

As meninas contaram aos pais o que havia acontecido, e assim a Gente-Onça começou a pensar novamente em vingança, pois puderam constatar que Wehkomi não havia sido mesmo aniquilado.

Com o tempo, os Diroá começaram a conhecer melhor os filhos da Gente-Onça, e frequentemente os convidavam para se divertir. Na verdade, eles estavam planejando uma vingança, a começar pelos filhos. Certa vez convidaram os filhos da Gente-Onça para brincar de atravessar a cachoeira em um tronco. Eles começaram a brincadeira e nada lhes acontecia, mas os outros caíam na cachoeira e se afogavam. Outra coisa que inventaram foi uma brincadeira de descer o rio boiando. Mais uma vez, a eles nada acontecia, pois tinham suas proteções, mas os filhos da Gente-Onça eram devorados pelas piranhas. Tudo isso foi aumentando o ódio de seus inimigos. Para se manter fortes e preparados, os Diroá praticavam corridas. Faziam isso num lugar chamado *Diroá omapéri-koa*, baixada da corrida dos Diroá, que fica na atual área do bairro de São Miguel. Trata-se de um caminho de areia com uma pronunciada baixada no centro. Cada um deles fazia o percurso correndo por três vezes.

Foi então que a Gente-Onça começou a convidar os Diroá para ajudá-los em seus trabalhos. Convidaram-os primeiramente para ajudar-lhes a abrir uma área para uma futura roça. Por essa área, a Gente-Onça encheu de bichos peçonhentos, como jararacas, aranhas e tocandiras. Colocaram também armadilhas [*yosó-putisehé*, armadilhas de espinhos ou lascas que são fatais;

rekukudami papoanipe biri, lasca + pisada + entra]. Para essa ocasião, eles também prepararam muito caxiri[13], pois queriam embriagá-los antes mesmo do início do trabalho. Havia caxiri feito de milho e caxiri de caroço de umari [*numariwi-iapé* em tariano]. Depois de beber, foram ao trabalho, mas quem se embriagou foi a própria Gente-Onça, pois os Diroá tinham neutralizado o efeito da bebida com seu benzimento.

E no trabalho tampouco sofreram qualquer acidente, com armadilhas ou bichos, pois pelo caminho íam benzendo, isto é, colocando paris de quartzo pelo chão em que pisavam. Seguiram roçando sempre à frente da Gente-Onça, usando o *seópihi*, pedra comprida e estreita muito afiada, com enorme poder de cortar madeira. Na verdade, esta é uma arma própria dos Diroá, que roçava o mato por si mesma. Eles apenas acompanhavam fazendo movimentos com as mãos. A Gente-Onça, que vinha atrás, acabou caindo em suas próprias armadilhas. Caso os Diroá não houvessem se precavido, teriam sido picados pelos bichos peçonhentos e morrido. Tudo isso aumentou ainda mais a raiva da Gente-Onça.

Após algum tempo, a Gente-Onça chamou novamente os Diroá. Agora era para a derrubada das grandes árvores. Dessa vez, eles colocaram nas árvores vários galhos soltos, como também as pesadas castanhas do mato [*bɨkɨpa*] e muitas casas de cupim[14]. Os Diroá já sabiam o que lhes aguardava e se preparam com benzimentos de proteção. Através dos benzimentos, eles amarraram todas aquelas armadilhas com o resistente cipó da saliva da formiga taracuá [*mené-ɨsekodari*]. Se não fosse isso, os galhos,

13 Bebida fermentada de mandioca.
14 As casas de cupim são igualmente muito pesadas, pois são grandes bolas de terra quase petrificadas.

as castanhas e as casas de cupim cairiam logo ao primeiro golpe do *seópihi* dos Diroá. Para se proteger da queda das árvores e das armadilhas, os Diroá formaram também as sapopembas das raízes das grandes árvores, por entre as quais entravam a fim de evitar qualquer ferimento. Rapidamente, eles terminaram o trabalho e voltaram para casa. Mais uma vez, as Onças se surpreenderam.

Depois de três meses, chegou o verão. Era o tempo de queimar a roça, e lá se foram os Diroá, novamente convidados pelas Onças para o trabalho. As Onças prepararam três maços de ripas de turi[15] e deram a cada um deles. Seguindo a ordem das Onças, os Diroá foram para o centro da área derrubada, onde começariam a tocar fogo nos paus secos. Enquanto isso, as Onças correram ao redor da roça e começaram a atear fogo pelas beiradas. O fogo rapidamente avançou para o centro, encurralando os Diroá. Vendo o perigo chegar perto, os dois primeiros começaram a chorar. Porém, o mais novo os repreendeu: – "Vocês são mulheres para chorar assim? Eu sou homem, vou dar um jeito nisso"[16].

Com o próprio pensamento, esse Diroá fez aparecer ali uma embaúba[17], e mandou que cada um dos irmãos entrasse em um dos seus compartimentos, ele mesmo ocupando um deles. Quando o fogo chegou bem na embaúba, ela explodiu com o

15 Árvore da qual se retira a casca e se confecciona estreitas tiras – ripas – que servem para fazer tochas de iluminação e fazer fogo. Essa casca pega fogo muito rapidamente e demora a queimar.
16 Por isso que, em geral, são os filhos mais novos são os que conhecem mais benzimentos.
17 A embaúba possui um tronco oco dividido em compartimento separados por nós. É utilizada na fabricação das pequenas descartáveis flautas *mauaco* e dos bastões de ritmo usados nas danças.

calor, e as Onças ouviram três estrondos. Então elas gritaram e aplaudiram, pois pensaram que haviam aniquilado seu inimigo. Mas, com os estouro da embaúba, os Diroá voaram pelos ares, indo cair no mato. Dali, foram tomar banho no rio. Terminado o trabalho, as Onças foram se banhar muito satisfeitas com a morte dos Diroá. Mas ao chegar ao porto, os encontraram já subindo do rio. Eles ainda perguntaram a elas: – "Só agora vocês estão chegando? E a roça? Queimou bem"? Isso tudo só fazia aumentar o ódio da Gente-Onça.

Passado um certo tempo, o Avô-Caba pensou em fazer um dabucuri[18] de cestos de arumã aos seus cunhados, a Gente-Onça. Foram então até a serra de Juta [*iohógɨ*], nas proximidades da cachoeira de Ipanoré[19], situada no rio Uaupés mais abaixo de Iauaretê. Dali, o Avô-Caba foi até a cabeceira de um igarapé, onde havia muito arumã – o igarapé Arumã. Tirou todo o material necessário para a confecção dos cestos e voltou até a entrada da cachoeira de Ipanoré, num lugar chamado laje de sorva [*etá nɨmɨ-paa*], onde preparou um tapiri[20] para iniciar a

18 Os dabucuris são as cerimônias de oferecimento de comida e outros bens entre grupos de parentes e visitantes. Mais frequentente, os dabucuris são realizados entre grupos ligados por trocas matrimoniais, que é exatamente o caso entre o Avô-Caba e a Gente-Onça – este haveria sido o primeiro dabucuri, isto é a origem dos dabucuri [*po´osehe*, em língua tukana]. Um dabucuri supõe sempre retribuição.
19 É através de um buraco em uma das lajes dessa cachoeira que os grupos de língua tukano desembarcarão futuramente no Uaupés, após a longa viagem desde o Lago de Leite [*apekó-ditara*], situado no nascente, que perfazem subindo os rios no interior de uma cobra-canoa.
20 Pequena palhoça provisória feita durante as viagens e nas pescarias.

fabricação dos cestos. Nessa laje ficaram gravados – petróglifos – os desenhos dos vários tipos de cestaria produzidos ali pelo Avô-Caba. Essa atividade se tornou própria dos Tariano, e ainda hoje é preciso encostar as mãos nesses desenhos para aprender a fazê-los corretamente.

Enquanto Avô-Caba fazia seu trabalho, os Diroá permaneceram na serra da Juta. Ali, eles começaram a passar pimenta [*biá*] no rosto. Além disso, começaram a aspirar líquido de pimenta pelo nariz. Isso era para que suas faces ficassem mais oleosas e brilhantes, e, assim, fixassem melhor as pinturas de carajuru [*ɨnoya*][21] que usariam no dabucuri. Os Diroá foram os primeiros a usar esse tipo de pintura. Tudo que faziam ali era sua passagem para a fase adulta da vida. Depois, eles foram até a casa de Trovão para pedir *mɨro-wetá* [rapé de tabaco] e *wihó-wetá* [rapé de paricá[22]]. Com esses materiais [*uamoá*[23]], voltaram à serra da Juta, e começaram a usar paricá para tornarem-se pajés. A força do paricá trouxe muitos trovões, e o velho Caba pôde perceber que algo estava para acontecer. Os Diroá, por sua vez, viam que estavam obtendo êxito naquilo que faziam. Por isso foram até Paricatuba, a casa do paricá [*wihó-wi´i*] para obter mais paricá. Essa casa, que possui a aparência de

21 Tintura vegetal de um vermelho muito forte, usada na pintura facial em momentos importantes do ciclo de vida e em ocasiões festivas, especialmente nos dabucuris. Denotam a força e a vitalidade das pessoas, porque o carajuru tem cor de sangue.
22 O paricá obtido pelos Diroá na casa de Trovão era uma pedra branca, da qual rasparam o pó para aspirar.
23 Esse termo denota todos os objetos e substâncias de uso do pajé, que vão guardados dentro de um pequeno saco de tururi, entrecasca batida da árvore de mesmo nome.

uma serra, localiza-se no rio Negro, um pouco acima da cidade de Manaus. O Diroá chegaram lá viajando através de uma zarabatana de quartzo transparente e invisível[24]. Em Paricatuba, descansaram no primeiro dia; no segundo tiraram paricá e no terceiro voltaram para a serra da Juta.

Enquanto essas coisas estavam se passando, Inambu estava planejando fazer uma festa para todos os animais em sua casa. Inambu era primo de Mucura, e moravam como vizinhos no médio rio Tiquié, à altura da serra do Mucura. Nessa época, eles eram como gente. Inambu convidou duas moças para a festa[25]. Inambu disse às moças que haveriam dois caminhos, e que indicaria o caminho que levava à sua casa com uma pena de arara, deixando uma pena de gavião preto no caminho que levava à casa de Mucura. Como o Mucura trocou as penas dos caminhos, as moças acabaram chegando em sua casa. Lá, encontram a avó de Mucura. Elas perguntaram por Inambu e descobriram que estavam, de fato, na casa de Mucura. A velha lhes ofereceu uma

24 Essa é também uma das inúmeras casas – chamadas "casas de trasformação" [*pamîri-wii*] – em que a cobra-canoa que trazia os grupos tukano parou ao longo da subida dos rios. Foi feita por Trovão, que sabia que futuramente seus netos iriam precisar de paricá. O Tariano não costumam relacionar a sequência de casas de parada da cobra-canoa, pois seus ancestrais as visitam viajando com a zarabatana de quartzo.
25 O episódio em que Inambu conheceu essas duas mulheres faz parte de outra história, onde se conta sobre uma festa em que os ancestrais iriam abrir a caixa da noite – o que, na verdade, não aconteceu como esperado. Isso tudo se passou na casa de Diâ-pinó-masa, o cobra grande, localizada no baixo rio Uaupés. Essas mulheres são suas filhas. Inambu pediu permissão ao cobra grande para convidar as moças para a festa em sua casa.

rede para descansar e esperar pela chegada do neto. A rede de Mucura fedia muito, e quando elas se deitaram vieram muitas moscas que faziam: – "Ooaaa...." [*o´a* é mucura em tukano].

Não demorou muito, chegou Mucura, trazendo um embrulho de formigas pequenas e mal-cheirosas. Essas eram as maniuaras[26] de mucura. Ele deixou o embrulho de formigas na porta da frente, e foi entrar na casa pela porta de trás, perguntando à avó sobre a chegada de visitas. Soube da chegada das moças e ficou satisfeito. Saiu então pela porta da frente, perguntando-se se um de seus servidores não havia lhe trazido comida. Na verdade, ele queria impressionar as moças. Apanhou o embrulho de formigas como se houvesse sido trazido por um servidor seu. Ele serviu as formigas para as moças, mas elas não conseguiram comer. Quiseram ir embora, mas Mucura não deixou, e naquela noite dormiu com as duas em sua rede. Mesmo assim não conseguiu fazer sexo com elas, pois elas subiam para os punhos da rede evitando sua aproximação.

De manhã, foram as duas para o banho, pois queriam se livrar do mal-cheiro que Mucura lhes passou. Foi então que passou o Martim-pescador em sua canoa, dirigindo-se à festa na casa de Inambu. Ele não quis levar as moças, e começou a remar rapidamente[27]. Depois passou o Pato d´água, que também se recusava a levá-las, pois dizia que mucura já havia lhes molestado. Mas uma delas puxou a canoa e as duas entraram. Ele as mandou sentar na parte de trás da canoa, porque ainda

26 Como vimos acima, no episódio da visita da avó dos Diroá às suas cunhadas, as maniuaras são formigas comestíveis. Já as formigas de mucura são repugnantes.
27 Por isso que o vôo dessa ave lembra o movimento do remo.

fediam muito. Na proa da canoa, ele levava o pote de caapi – o martim pescador e o pato d´água possuem no rosto os mesmos desenho aplicados no pote de caapi.

Mucura viu que as moças haviam escapado e ficou furioso. Disse à avó que iria até a casa de Inambu. Se caísse uma chuva forte e repentina, a velha deveria aparar alguns pingos na palma da mão. Caso fosse sangue, era porque Mucura havia brigado e sido morto na festa[28]. Foi isso o que realmente aconteceu no dia seguinte, deixando a avó muito triste e querendo vingar o neto. Ela foi até a casa do Gavião, abaixo da comunidade de Juquira no rio Uaupés, e pediu que o Gavião Real matasse Inambu. Quando os Gaviões chegaram, as moças pediram a Inambu que cantasse. Ele resistiu, pois sabia que iria ser descoberto pelos Gaviões, mas acabou cantando. No primeiro canto, as moças ficaram encantadas, e insistiram para que continuasse. Ele cantou por três vezes, até que os Gaviões o agarraram e o levaram para cima. A avó de Inambu pediu aos Gaviões que deixassem pelo menos uma pena de seu neto, para que ele não acabasse totalmente. Mas como a pena deixada era muito pequena, o inambu de hoje ficou muito menor do que o Inambu daquele tempo. Este morreu nas garras dos Gaviões.

Foi então que os parentes de Inambu quiseram vingança contra os Gaviões. Foi também sua avó que foi procurar pelos Diroá na serra da Juta para pedir vingança. De lá, os Diroá

28 É por isso que hoje em dia os homens brigam entre si pelas mulheres. Essa história explica também porque as mulheres pegaram o mal cheiro. Antes disso, seu aroma era como o de abacaxi, tal como algumas folhas do mato. Mucura foi morto pelo Martim-pescador a mando de Inambu.

visitaram primeiramente a avó mucura, que, já sabendo de sua chegada iminente estava cozinhando breu para lhes matar. A velha, porém, não os reconheceu de imediato, e assim lhes revelou o plano. Disfarçadamente, um dos Diroá cuspiu na panela de breu fervente, que, assim, endureceu imediatamente. Agora a velha não podia fazer mais nada. A velha tinha um osso de gavião guardado em seu jirau, que usava para chamá-los. Os Diroá insistiram para que ela tocasse – o osso era sua flauta –, embora a velha dissesse que seus netos se irritavam com isso. Ela acabou tocando a flauta, o que atraiu os Gaviões que estavam no porto depenando o Inambu para comê-lo.

Eles entraram na casa voando e pousaram num travessão do telhado. Ao se aperceberem da presença dos inimigos, tentaram fugir, mas os Diroá se puseram nas duas portas da maloca, colocando puçás invisíveis em cada uma delas. Os Gaviões foram capturados nesses puçás, nos quais iriam morrer estrangulados. Os Gaviões ainda voaram, arrastando os puçás, mas os Diroá os seguravam. Pousaram em um pé de abacate, cujos galhos não aguentaram e caíram. Voaram mais um pouco e pousaram num pé de biriba, que se inclinou um pouco mas aguentou[29]. Depois, os Gaviões voaram alto, onde sopra o vento muito forte. A velha ainda gritou pedindo pelo menos uma pena dos gaviões. Os Diroá deram-lhe uma pequena pena da calda. Com essa pena, a velha fez surgir um pequeno gavião para perseguí-los. Mas os Gaviões Reais que puxavam os Diroá já estavam muito acima, e o gaviãozinho se perdeu.

29 Por isso, que o biribá sempre cresce inclinado.

Os Diroá vieram parar novamente na serra da Juta, pendurados no puçá. A essa altura os Gaviões já estavam mortos. Foram depenados pelos Diroá, que aproveitaram suas penas e ossos. As penas serviram para seus adornos, e os ossos para cheirar paricá. Mas eles não comeram o Gavião – pois o sangue os iria contaminar. Com esses adornos de penas de gavião os Diroá iriam fazer o dabucuri para a Gente-Onça.

Enquanto isso se passou, o Avô-Caba permaneceu na cachoeira de Ipanoré confeccionando cestos para o dabucuri. Até que, terminado seu trabalho, amontoou todos eles na Laje de Sorva [*ɨtá nɨmɨ-paa*], onde havia feito seu tapiri. Ele sabia o que os netos andavam fazendo, e resolveu voltar para casa sem eles. Por isso, preparou a canoa de um modo que não deixava espaço para eles. Então, os Diroá perguntaram ao avô se estava tudo pronto para partir. O velho respondeu afirmativamente, mas disse-lhes que não havia mais espaço na canoa para levá-los. O velho tentou empurrar a canoa para partir. Mas a canoa não saía do lugar, porque os Diroá haviam prendido a canoa com uma corda invisível através de seu pensamento. Os Diroá disseram: – "O senhor está querendo empurrar a canoa? Vamos ajudar!" Então, eles desfizeram o benzimento, e imediatamente a canoa saiu para a água. Em seguida, foram buscar suas coisas.

De volta, vendo tudo mal ajeitado, arrumaram os cumatás, as peneiras, os tipitis e a cestaria toda, de modo que sobrou bastante espaço para eles. Então embarcaram, colocando os dois velhos no meio da canoa, ao passo que dois deles foram para a proa e o mais velho na popa. Então o mais velho disse: "–*Yawi katanale*", e com uma remada conseguiu levar a canoa até *winó-yoã* [comunidade de São José], onde encontraram o Wa'tó

[porco-espinho], que na verdade era um inimigo, pois era amigo da Gente-Onça. Ele sabia que os Diroá estavam subindo o rio, e por isso estava preparando sua arma para matá-los [*upiópihi*, lança]. Os Diroá se aproximaram do Wa'tó, cumprimentaram-no e perguntaram-lhe o que estava fazendo ali. Ele respondeu que estava se preparando para matar os Diroá, sem saber que estava falando com os próprios. E então demonstrou como iria golpeá-los. Os Diroá pediram para ver a arma, fazendo os mesmos gestos e dizendo que também iriam matar os inimigos do Wa'tó. No final, o mataram com sua própria arma.

Continuaram a viagem e anoiteceram um pouco acima de Paraná-Jucá, onde hoje existe um lugar conhecido pelo nome *diroá kanirɨ́ u´tu*, "lugar onde os Diroá dormiram". No dia seguinte, continuaram a viagem até *wa'pɨ-nopi-yoã*, Ponta de Cunuri. Passando por essa cachoeira, o velho Caba escorregou na lage de pedra e bateu a cabeça. Perdeu muito sangue por esse ferimento, e depois foi lavado em um igarapé que ficou conhecido como igarapé do Sangue. Continuando a viagem, chegaram a *bu´u-wahâro-paa*, Laje da Cuia de Cotia, onde os três brincaram de peão com *bu´u-wahâro*. Eles se transformaram em mamangas e entraram nas cuias, onde ficaram brincando fingindo que brigavam. Enquanto isso, o velho esperava, até que se cansou. Resolveu então acabar com eles. Levantou-se e pisoteou as cuias com o propósito de matá-los, mas acabou ferindo-se no calcanhar. Essa é a origem de um tipo de tumor que aparece sempre nos calcanhares. Então os Diroá benzeram-no e eles continuaram a viagem até chegar novamente à sua casa.

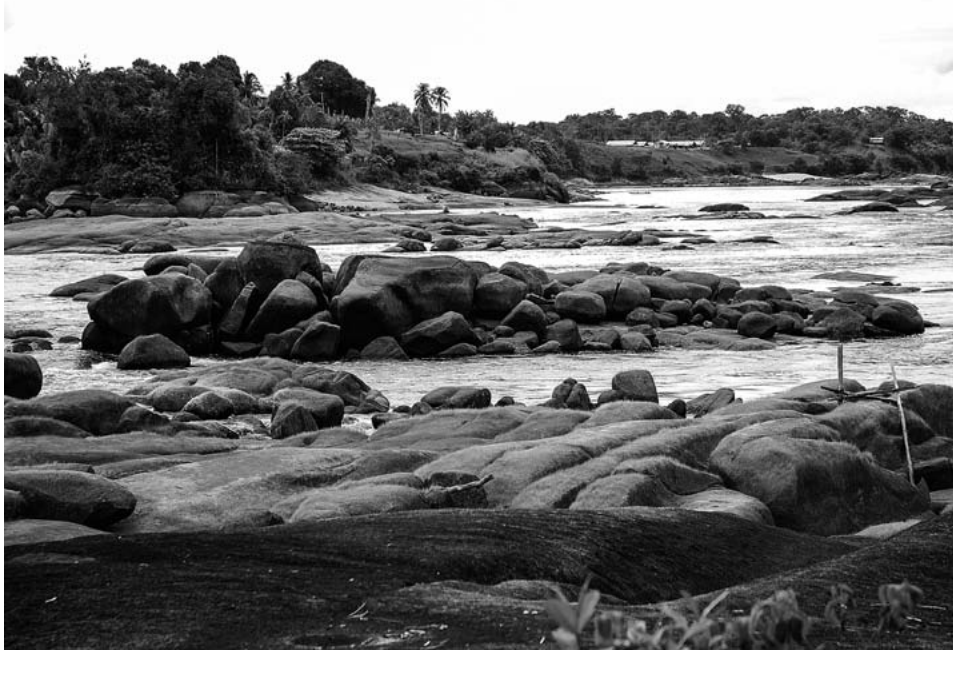
No dia seguinte, o Avô-Caba disse aos netos que gostaria de oferecer a cestaria junto com peixe. Os netos gostaram da proposta, e desceram até o igarapé Japu. Chegando lá, fizeram

subir do fundo do rio muitas saúvas [*nu'kú-meká*, *diipotiana*, *biâ-po'rã-diana*]. Atraída pelas formigas, apareceu a cobra Japu, *û´mu-pinó* [*mawali*, na língua tariana]. Então os Diroá mataram a cobra com o *yaigɨ́*, o bastão de comando, acertando-lhe na espinha logo abaixo da cabeça. Depois, foram puxando a cobra pela beira e passaram a uma ilha que existe defronte à comunidade de Paraná-Jucá. Essa ilha ficou tão comprida como a cobra. Ali, em uma praia, cortaram a cobra em pedaços. Esses pedaços se transformaram em diversos tipos de peixes [*kásama*, "pacu", catú, "piraíba", curiri "surubim", *puwia*, "matrinchã", *dúpali*, "arari", *dupeni*, "aracu branco" e vários outros]. Eles fizeram isso pensando em matar a Gente-Onça. Com isso, os peixes já estavam maleficiados, como que envenenados. Ao comê-los, as Onças iriam morrer imediatamente. Eles moquearam os peixes no *witiri-maa*, igarapé Cerrado. Esconderam-se ali para que ninguém os visse fazendo esse trabalho. Colocaram os peixes nos cestos e reiniciaram a viagem de volta para casa[30]. Pararam no lugar que hoje é conhecido "lugar do peixe mofado", na Ilha de São João. Neste local, perceberam que os peixes estavam ficando mofados, pois não estavam bem assados, por isso o lugar ficou conhecido como *Seré-nɨkɨró*.

No dia seguinte, chegaram em casa e entregaram o peixe ao Avô-Caba. O velho disse que iria pedir a seus cunhados, a Gente-Onça, para preparar caxiri para o dabucuri. Fez como havia dito, e tratou com os cunhados o dia da festa[31]. No dia marcado para a festa, o velho, a velha e os três Diroá foram até

30 Dessa passagem da história deriva o benzimento que faz aumentar o peixe no rio. É também a origem das espécies mencionadas.
31 Esse iria ser o primeiro dabucuri, sua origem.

18 e **19**: Casa das Onças vista de diferentes ângulos. Localizadas no centro da Cachoeira de Iauaretê, essas grandes pedras correspondem à cestaria ofertada pelos Diroá à Gente-Onça.



a casa da Gente-Onça. Chegaram lá e entraram na maloca conforme o modo como se faz até hoje nos dabucuri, e colocando as ofertas no centro da maloca. Em seguida, a Gente-Onça os cumprimentou e lhes indicou os bancos onde deveriam se sentar. Também ofereceram caxiri aos Diroá. O chefe da Gente-Onça apanhou seu banco e a forquilha com cigarro, indo sentar-se junto do Avô-Caba. Eles fizeram o que em tukano chama-se *mɨrotuasehé*, um diálogo de saudação com cigarro feito logo no começo dos dabucuris. Em seguida os Diroá dançaram os *po'ori basa iukú*, "dança/canto de dabucuri", mas se tratava de uma dança de vingança, que hoje em dia não é recomendada. Este foi o início de todas as danças. Depois de três partes[32], o Avô-Caba e os Diroá entregaram a oferta aos cunhados, colocando os peixes e a cestaria no meio da maloca *(Fotos 18 e 19)*.

Antes do entardecer, os Diroá saíram da maloca para urinar. Ao entrar, já traziam vários companheiros para a festa. Na verdade, estes eram passarinhos que eles transformavam em gente [*pídali*, *pisá*, dois passarinhos muito bonitos]. Eles eram todos iguais aos Diroá, de modo que era impossível distinguir um do outro. O número dos Diroá então aumentou bastante. Assim, a Gente-Onça já saberia quais seriam os verdadeiros Diroá. À meia noite, depois que tomaram o caapi[33], os Diroá perceberam que os dentes da Gente-Onça estavam crescendo. Percebendo isso, o Diroá do meio falou: "– Serei *yaí sɨ̃êgɨ*" [amargo]. O último disse: "– Serei *yaí yɨâgɨ*" [salgado]. E o primeiro disse: "– Serei *baraɨ*" [muito duro]. Foi então que a Gente-Onça tentou morder os Diroá, que lhes ofereciam os braços. Mas a Gente-Onça não conseguiu comê-los, pois estavam exageradamente amargos, salgados ou duros. Depois disso, tomaram caxiri, voltaram para seus lugares e continuaram a festa até o amanhecer.

Ao amanhecer, a Gente-Onça ofereceu carne de caça para eles [*maré*, "jacu", *wakí*, "macaco zogue-zogue", *kaparu*, "macaco barrigudo", *kuisí*, "mutum" e outro]. Quando eles estavam preparando a comida, socando a carne dessas caças no pilão, ouvia-se o canto de cada um dos animais. Isso era um mal sinal, e eram os Diroá que faziam isto. Eles não comeram. Durante o dia, brincaram de porco, carapanã, e de zagaiar peixe como se estivessem faxeando. Nessa noite, conhecida como noite de ressaca, os Diroá e seus avós dormiriam na própria casa da Gente-Onça.

Enquanto todos dormiam, os Diroá subiram até a casa de Trovão, e lhe pediram o *ɨtaboho-boyaripihi* [raio do pajé, osso da mão esquerda de Trovão, mais fraco]. Desceram de lá e foram até Miriti, onde hoje se situa uma comunidade situada acima da cachoeira de Iauaretê. Ali testaram pela primeira vez o raio de Trovão, mas estava muito fraco. Desceram para Itaiassu, lugar de outra comunidade atual acima de Iauaretê. Ali, com seu pensamento, fizeram o cesto de folhas conhecido como *baá*. Transformaram esse cesto em uma queixada, lançando sobre ela o raio de Trovão. A queixada não morreu, ficou apenas cambaleante. O raio não produziu o efeito que eles queriam.

Por isso, voltaram à casa de Trovão, mas desta vez não lhe pediram nada. Trovão tinha colocado cuias e outros objetos em

32 A letra desse canto, em língua tariana, é ainda recordada. Como a quase totalidade dos Tariano adotou a língua tukano há muitas gerações, somente algumas poucas palavras podem ser traduzidas.
33 Alucinógeno de cipó que produz visões. Hoje em dia é muito conhecido como ayahuasca.

seu quarto, que iriam cair e fazer barulho caso alguém entrasse ali. Com seu pensamento, os Diroá amarraram os objetos de Trovão, de maneira que quando chegaram o velho continuou dormindo. Os Diroá usaram também um benzimento de penugem de gavião, que tornou a rede de Trovão mais aquecida. Isso era para que ele não acordasse no momento em que os Diroá lhe tirasse o osso da mão direita, que, na verdade, estava pendurado em seu pescoço como uma medalha. Esse osso é conhecido como *ɨtaboho-pekâ-sõaripihi*, [osso da mão direita de Trovão, vermelho como fogo e muito forte]. Eles desceram e foram novamente a Miriti testar esse raio. Ali, o mato se incendiou. Por isso que há uma parte da vegetação em Miriti que é muito baixa. O osso do Trovão está lá até hoje. Desceram em seguida para Itaiassu, e lançaram o raio sobre a queixada. Nada restou do animal, só se via sangue por todo lado.

Vendo que tinham conseguido o que precisavam, os Diroá se puseram a caminho em direção à casa da Gente-Onça. Nesse caminho, as Onças haviam deixado os pássaros *tátali*, "pássaro can-can", *pusikha*, "bitira", *wai-waió* no caminho para que os avisassem assim que os Diroá chegassem. Mas os pássaros não puderam dar o sinal, pois dormiam. Foram os próprios Diroá que os fizeram adormecer. Quando chegaram na ilha do Umiri, já na própria cachoeira de Iauaretê, iriam preparar a casa das Onças para ser incendiada. Com seu pensamento, benzeram um cigarro cuja fumaça iria tornar ocos os esteios da casa e introduzir dentro dela muitas penas de gavião real. Em seguida, muito satisfeitos, cantavam em coro: – "êeeeeeeeeeee.....", andando juntos lado a lado, com o braço esquerdo estendido até ombro do companheiro. Por três vezes foram e voltaram por uma certa distância, exatamente como se faz no início das danças.

O mais novo dos Diroá se colocou em pé na laje que existe na ponta da ilha de Umiri, e dali soprou a fumaça do cigarro em direção à casa das Onças, que estava muito próxima. A fumaça do cigarro formou uma bola sobre a casa e caiu sobre ela. Ouviu-se naquele momento um grande estrondo. A casa se incendiou inteiramente e todos que estavam dentro dela morreram. Não se podia distinguir os cadáveres, pois o sangue ficou espalhado por todo lado. Um cachorro da Gente-Onça ainda escapou, mas caiu morto perto da Pedra de Arara, na margem colombiana do Uaupés. Ali, há uma pedra com o dente do cachorro encravado, onde até hoje se costuma colocar c*aiá*. Para os Tariano, os peixes apanhados nesse *caiá* não fazem mal, mas para outros podem ser muito perigosos.

Os Diroá perceberam então que seus avós haviam morrido junto com as Onças. Chegaram a pensar em trazê-los de volta à vida usando seus benzimentos, mas não puderam fazer isso, pois, nesse caso, toda Gente-Onça viveria novamente. Assim, decidiram que todos deviam morrer. Sendo assim, ainda sopraram mais uma vez sobre a casa das Onças. Depois subiram o rio Papuri para matar todos aqueles que haviam comido Wehkomi, menos Watoporó e Ya´korô, que não participaram da devoração de seu ancestral. Depois subiram o rio Uaupés, também para matar a todos os seus inimigos, isto é, os pássaros que deveriam ter advertido as Onças do ataque dos Diroá.

Depois de tudo isso, subiram para a casa de Trovão. Esse é o fim da história das intrigas entre os Diroá e a Gente-Onça.

2. O surgimento da humanidade[34]

Depois que os Diroá voltaram para a casa de Trovão, este começou a pensar na futura humanidade. Como já dissemos no início, essa tarefa Trovão atribuiu a Kui e Nanaio, o casal de irmãos que ele fez aparecer no começo do mundo. Trovão lhes disse que deveriam encontrar por si mesmos os meios para fazer surgir novas pessoas. Kui e Nanaio passaram a buscar por seus instrumentos, que por várias vezes foram rejeitados por Trovão.

Foi então que Kui encontrou a *yutica-yapú*, um porta cigarros em forma de forquilha[35], e Nanaio encontrou o *katirí-mɨroró*, um cigarro de vida. Esses instrumentos foram achados no igarapé do Tabaco, um afluente do rio Cuiari, afluente, por sua vez, do rio Içana. Nesse igarapé, há uma serra com uma caverna, onde os dois irmãos encontraram a forquilha e o cigarro. Os dois instrumentos eram de quartzo branco e foram aprovados por Trovão.

Nanaio preparou este cigarro com seu próprio leite, isto é, pingando leite de seu seio no tabaco e o enrolando com folhas de sororoca sobre sua coxa. Levou o cigarro para Trovão, que com seu pensamento introduziu nele a vida dos Diroá, dos três Diroá. Em seguida, Nanaio passou o cigarro a Kui, que o encaixou na forquilha. Ele acendeu o cigarro e soprou a fumaça sobre o lago de Trovão. Trovão viu que Kui e Nanaio estavam conseguindo realizar sua tarefa.

34 *Masa kurupa* ou *masa kururi*, um grupo geral, que vai incluir todos os grupos singulares (*kurua*), isto é, Tariano, Tukano, Desana, Maku etc.
35 Peça única de madeira esculpida em pau-brasil.

A fumaça subiu até o firmamento, e de lá caiu para o lago com um forte estrondo. O lago ficou cheio de sangue, porque no fundo d´água apareceram as ancestrais dos Tariano. A fumaça formou um *ɨtâboho wɨ*, uma zarabatana de quartzo transparente, que ligou esse lago diretamente à casa de Trovão; por esse tubo, os primeiros Tariano entraram na casa do avô. O primeiro a chegar foi Kamewa, seguido por seus irmãos menores. Lá, encontraram o pari de quartzo, o banco, o porta cigarro e as cuias que continham suco de buiuiú, de cará, de fruta de sorva, de ingá, cucura, abiu e outros. Eles sentaram-se nos bancos. Tomando os líquidos, fortaleceram-se, pois aquilo tudo os havia enfraquecido. Por haverem aparecido dessa maneira, os Tariano são conhecidos como *Bi´pó-diroá-porã*, "Filhos do Sangue de Trovão". Mas Trovão já adiantou que a futura humanidade iria crescer por outros meios, através de relações sexuais entre homens e mulheres.

Com o tempo, Trovão viu que eles estavam se fortalecendo. Então, pegando o *ɨtâboho wɨ*, a zarabatana de quartzo, os transportou para o Lago de Leite, *apîkó-ditara*, localizado no nascente, na extremidade leste do mundo. Esse lugar foi o ponto de partida dos ancestrais da Gente de Transformação, *pamîri-masa*, para a subida dos rios, isto é, o Amazonas e Negro, para chegar no rio Uaupés, onde desembarcariam na cachoeira de Ipanoré[36]. A Gente de Transformação subiu os rios em uma Cobra-Canoa, *pamîri-yukese*, parando nas inúmeras Casas de Transformação

36 Essa Gente de Transformação são os ancestrais de todos os povos de língua tukano [Tukano próprio, Desana, Pira-Tapuia, Wanano, Tuyuka etc] com os quais os Tariano irão, à exceção do Desana, trocar mulheres futuramente, quando passam a viver no rio Uaupés. Esse ponto vai ser esclarecido mais adiante.

existentes no percurso. Essas são as casas dos peixes, localizadas nas cachoeiras e no fundo dos rios. Nessas paradas, dançavam com os instrumentos existentes em cada uma delas, sentavam-se nos seus bancos e, assim, iam aumentando sua força de vida. Os Tariano não embarcaram na Cobra-Canoa, mas seguiram todo o percurso viajando pelos ares na zarabatana de quartzo de Trovão. Dessa maneira, puderam visitar todas as Casas de Transformação por onde a Cobra-Canoa parava, fazendo as mesmas coisas que a Gente de Transformação fizera antes deles.

Os Tariano vão alcançar a Gente de Transformação em *Diâ-wi´i*, uma casa muito importante para todos os grupos indígenas do Uaupés, localizada no centro do mundo – situa-se no local hoje conhecido como Bela Vista. Era a última parada da Cobra-Canoa antes de chegar ao seu destino. Até ali, todos formavam um só grupo, *masa-kurupa*. Mas dali em diante, os diferentes grupos, *kuruá*, irão se formar. Isso aconteceu especificamente porque *Diâ-Pinó*, a cobra grande, que morava nessa casa, preparou uma grande quantidade de bebida. *Diâ-Pino* possuía suas roças no igarapé de Seringa, onde até hoje se avista uma serra formada a partir do monte de casca de mandioca que usou para produzir o caxiri. Como ele tinha todas as variedades de mandioca, fez caxiris de vários tipos. Com a embriaguês provocada pelo caxiri de *Diâ-Pinó*, os ancestrais de todos os grupos começaram a falar línguas diferentes. Nesse dia, eles começaram a tratar entre si o casamento de seus filhos[37]. Os

37 Até hoje se faz dessa maneira: durante as festas e dabucuris que envolvem grupos cunhados são também tratados os casamentos. A expressão *buhí-numiá* denota a busca por maridos que as mulheres praticam por ocasião de festas nas comunidades dos parentes dos pais.

Tariano se entenderam com os Baniwa, e resolveram tornar-se cunhados, já que as línguas que pegaram eram muito próximas. Outros detalhes sobre essa história podem ser fornecidos pelos *pamîri-masa*, como os Tukano, Desana etc.

Depois de certo tempo, os vários grupos da gente de transformação seguiram viagem rio acima, ao passo que os Tariano, novamente com a zarabatana de quartzo, desceram o Uaupés. Chegaram no rio Negro e subiram até o Içana, para então seguir até cachoeira de Uapuí, *kasero-poewa*, cachoeira da Casca de Pau [*hipana*, na língua tariana], localizada no alto rio Aiari, afluente da margem direita do rio Içana[38]. Os ancestrais Tariano foram dar em uma última Casa de Transformação [*kasero-wi´i*] que existe sob a cachoeira de Uapuí. Eles estavam todos molhados com sangue e água, como acontece com as crianças ao nascer.

Nessa casa, o irmão maior dos Tariano, Kamewa, sentiu que não teria condições de conduzir a futura transformação, e por isso insistia para que o segundo irmão aceitasse o comando. Este era o Koivathe. Primeiramente, ele não quis aceitar, mas como o irmão maior estava realmente decidido a lhe repassar a chefia, acabou por aceitar essa responsabilidade recebendo o *yaigí*, o bastão de comando. Mas, antes de conduzir os ancestrais de todos os Tariano para a terra, saiu sozinho para ver o que havia por ali. Viu as quatro casas, do norte, do sul, do nascente e do poente. E pensou que teria que encontrar uma terra boa para os Tariano. Na verdade, desde que saíram de *Diâ-wií*, do

38 A cabeceira do rio Aiari é próxima do alto rio Uaupés e há vários caminhos que ligam esses dois rios. Este será o percurso dos Tariano mais à frente nesta história.

rio Uaupés, subiram pelos rios Negro e Içana como que demarcando uma terra para ser ocupada futuramente. Mas Koivathe percebeu então que ali no Aiari não haveria terra suficiente, e de boa qualidade, para todos que estavam chegando.

Ele voltou para a Casa de Transformação onde estavam seus irmãos. Começou a bater com o bastão de comando na laje da cachoeira pela parte de baixo, abrindo, assim um buraco na pedra, através do qual os ancestrais dos Tariano finalmente saíram para terra. Em volta da cachoeira de Uapuí havia muitas plantas venenosas, e Koivathe advertiu seus irmãos para que não mexessem com essas coisas. Podiam pegar apenas o *kanaponí*, um arbusto cujas folhas servem para lavar o rosto, isto, é, evitar rugas e postergar a velhice.

A partir da cachoeira de Uapuí, os Tariano passaram a procurar por sua própria terra. Eles foram em direção ao rio Uaupés, evitando entrar pela margem esquerda do rio Aiari, pois sabiam que naquela direção Bisiu, o *miniã-porã* [de cujo corpo surgiram as flautas jurupari] havia morrido queimado. Por isso, era um lugar com vários tipos de veneno[39].

Foi nessa área que Bisiu iria fazer a iniciação de três meninos, filhos das pessoas que moravam por lá. Bisiu os chamou para catar *waku*, mas os meninos comeram dessa fruta antes da hora marcada. Enraivecido pelo fato dos meninos não seguirem suas instruções, Bisiu provocou uma grande tempestade. Em

39 A terra preta que se formou com as cinzas em que Bisiu foi queimado é considerada muito perigosa. Trata-se de um veneno que pode ser usado para matar pessoas.

seguida transformou-se ele mesmo em um grande tronco oco, cuja abertura maior era seu próprio ânus. Disse aos meninos que entrassem ali para se proteger da tempestade, e foi assim que eles ficaram presos dentro do corpo de Bisiu. Como Bisiu comia carne crua, formava-se em sua barriga um arroto muito fedorento. Os meninos, dentro de sua barriga, tinham que aguentar. Bisiu perguntou algumas vezes se cheiro lá dentro estava bom, e os meninos, com medo, diziam que sim, que estava muito bom. Os meninos pensaram então em se transformar em periquito, para assim roer um buraquinho na barriga de quartzo de Bisiu para escapar. Um dele conseguiu, abrindo um pequeno orifício por onde poderiam passar.

Quando Bisiu de novo perguntou a eles se o cheiro lá dentro estava bom, finalmente eles responderam que de fato estava insuportável, e rapidamente fugiram pelo buraco em forma de periquitos. Os meninos voltaram a sua casa e disseram aos pais o que sucedera. O final dessa história conta como os pais dos meninos conseguiram atrair Bisiu à sua casa para experimentar caxiri de umari (*wamɨ perikó*, na língua tukano), e de como, enganando-o na hora da dança, o lançaram em uma grande fogueira que havia sido anteriormente preparada. Queimando na fogueira, Bisiu dizia a eles que deveriam virá-lo dos dois lados para que queimasse bem. Foi assim que Bisiu se acabou, e das cinzas que restaram brotaram as palmeiras paxiúba, com as quais se fabrica as flautas sagradas. Como dissemos, foi ali que se formou uma grande terra preta cheia de venenos, que os Tariano procuraram evitar ao se deslocarem do rio Aiari ao rio Uaupés.

Nesse deslocamento, seguiam o bastão de comando, isto é, o líder Koivathe orientava-se por seu bastão. Vieram então atravessando pelo igarapé Gavião, até chegar em um lugar

conhecido como *bohpoli-u´tu* [lugar de secar], uma clareira arenosa situada no meio do varadouro entre a cachoeira de Uapuí, no rio Aiari, e a cachoeira de Caruru, no rio Uaupés. Foi nesse local que os Tariano secaram finalmente seus corpos, e assumiram definitivamente a forma humana atual. Passava-se que, na verdade, os adornos cerimoniais que haviam obtido nas várias Casas de Transformação dos peixes se davam a ver, isto é, se até então estavam guardados em seus corpos como ossos, agora se tornavam visíveis ao secar.

Nesse lugar, os Tariano permaneceram por um bom tempo. E passaram a crescer como grupo casando-se com mulheres baniwa, os quais, por sua vez, casavam-se com as irmãs dos Tariano. A certa altura, Koivathe foi até a ilha de Sororoca, no rio Aiari acima da cachoeira de Uapuí, para obter um cigarro de sabedoria [*kumuani mɨroró*, cigarro de pajé, de sabedoria]. Este cigarro seria usado para subdividir os Tariano em vários grupos [*kurua*]. Antes de sair de *bohpoli-u´tu*, Koivathe fez uma cerimônia na qual todos se fortificaram tomando suco de *wêri* [as frutas doces de várias espécies].

Ao sair dali, os Yawialipe se separaram dos outros Tariano, e se dirigiram para o rio Yawiari. Outros vieram para a cabeceira do igarapé Arara. Por esse igarapé, chegaram até o rio Uaupés, subindo por esse rio até *boó´kasa-wi* [jirau onde há alimento], acima de Caruru. Nessa parte do rio os Tariano marcaram os locais onde futuramente seriam colocados os matapis, caiás, cacuris e os locais de pesca em geral. Passaram ali um longo período, e então desceram o Uaupés até Ji-Ponta, onde Trovão já esperava por eles. Há ali uma pedra que é o banco onde Trovão sentou-se para esperá-los. Ali perto, há também a casa do pássaro *pusikha*, que devia avisar Trovão assim que os Tariano

estivessem chegando. Outro ajudante dele, foi um macaco, que tinha a tarefa de ir procurar o cipó *caapi-daa*. Quando os Tariano estavam aproximando, Trovão, Kui e Nanaio dirigiram-se a *Mawadali*, a casa do arumã, para recebê-los. Essa casa fica numa ilha do alto Uaupés. Foi nessa casa que aconteceu a divisão dos grupos Tariano. Trovão, Kui e Nanaio estavam ali e os Tariano chegaram já com a forma humana. Eles iriam experimentar o caapi benzido por Trovão pela primeira vez.

A casa de *Mawadali* era um maloca com todos os instrumentos de Trovão, idênticos àqueles de sua casa no céu: os bancos, as cuias, o bastão, a forquilha, o escudo, o pari e todos os sucos de fruta.

A festa realizada em *Mawadali* dividiu os Tarianos em dois grupos principais, o de Kamewa, que era o irmão mais velho, e o de Koivathe, o segundo, mas que vinha comandando toda a turma. Aqui não trataremos das divisões internas ao grupo de Kamewa, pois quem pode detalhar esse ponto são seus descendentes de hoje. A lista de grupos abaixo [*kurua*] são os que formam o segundo grupo [*kurupa*] dos Tariano, em seu conjunto liderados por Koivathe. Apresentamos também o nome português dos velhos que foram os cabeças de cada um dos grupos:

1º. Kuenaka Koivathe: Antonio Nicolau Aguiar
Kali: Calisto Araújo
Kuenaka Koivathe: Leopoldino Farnela
2º. Kuenaka Dakásami: Raimundo Mendes
3º. Pukutha: extinto
4º. Samida: Maximiano Cordeiro
5º. Sahami: Feliciano Alcântara
6º. Yawi: Manoel Galvão
7º. Pukudana Kawaiaca: Emílio Peixoto

8º. Sami: Domingos Gonçalves
9º. Han-huhada sarape: Luís Gonçalves
10º. Kui: Manoel Moreira
11º. Kali-dáseri: Joaquim Moreira
12º. Pukudana: Ernesto Antunes
13º. Talhakana: Armando de Lima

Quem deu o nome a cada um deles e definiu a ordem de mais velho a mais novo foi Kui [*masa ma´mí dipoa*]. Depois disso, ouviu-se o canto de um pássaro do lado de fora da maloca de *Mawadali*. Havia uma fogueira para iluminar o pátio. Percebendo que ainda havia mais gente para aparecer, Kui acendeu o cigarro na direção dessa fogueira e soprou sua fumaça na direção do canto do pássaro. E assim apareceu mais um grupo de pessoas. Este grupo surgiu com a função de prestar serviços. São conhecidos em seu conjunto como Kaiaroa.

1º. Kumadeni: Lourenço Vasconcelos [Urubuquara]
2º. Kuena Yawialipe [a partir daqui não são *Bayá*]: Benedito Almeida, Livino Oliveira
3º. Hewáli
4º. Malidá ou Minali
5º. Haiku Sacali: João Rodrigues
6º. Tepavi Hiparu: Agripino Pereira
7º. Koeça: Bibiano Melo
8º. Tephana Sipa: Marcelino de Lima [Júlia de Lima]
9º. Paséda Hidalida: extinto
10º. Tephana Huli: extinto
11º. Yawiça: Luís Filho e Galdino Pinheiro
12º. Yekú: Erasmo Correia
13º. Daduna: Alfredo Correia
14º. Masienda: Henrique Rodrigues

Depois que esse grupo se apresentou, ouviu-se ainda um outro barulho do lado de fora da maloca. Era um ruído parecido ao de um beijo, que vinha de dentro do bananal. Ao ouvir isto, Kui fumou o cigarro e soprou no bananal. Pediu a Koiwathe que fosse receber o novo grupo de pessoas que estavam chegando. Koiwathe saiu ao encontro deles, e os chamou de *paiwere* [avô]. Mas eles não aceitaram esse tratamento, dizendo-se irmãos maiores. Koiwathe voltou e disse a Kui que eles não haviam aceitado o tratamento. Kui disse-lhe que voltasse a eles. Koiwathe então os chamou por *paiwere* [avô dos avôs na língua tariana] e prontamente eles responderam *noeri* [irmão menor, em tariana]. Desde essa época, eles se consideram como irmãos maiores, os *Mamialikuna* [*watiá*, em tukano, "diabo"], mas, na verdade, este é o último grupo dos Tariano. Os antigos entre eles sabiam disso porque conheciam a história. Então eles entraram e se sentaram dentro da maloca.

Depois disso, os Tariano saíram da maloca de *Mawadali* e se dirigiram até Ira-Ponta, onde há duas casas: *masa dahari-wií*, a casa onde os tariano entregam sua ornamentação depois da morte[40], e *menê-wi´i*, casa de ingá; perto do lugar onde hoje se encontra a comunidade de ilha do Poraquê, acima de Iauaretê. Neste local foi feito o primeiro dabucuri. Eles foram tirar bacaba e apanharam as flautas de jurupari que Trovão havia deixado em um igarapé próximo, *miniã-yaa*. Prepararam a festa a fim de que Kali apresentasse os seus cantos e suas danças [*capiapani*]. Era

40 Quem conduz a alma dos Tariano para essa casa é pássaro japú. Para chegar lá, ele deve saltar entre duas pedras para poder entrar. Se não consegue alcançar a outra pedra, o morto cai, e vai se transformar em peixe sarapó.

o mesmo canto que no passado os Diroá cantaram no dabucuri para a Gente-Onça.

Depois dessa festa, eles foram até Paricatuba [*parica-uka*] beirando o rio, já no rio Negro, porque sabiam que ali os Diroá haviam obtido o paricá. De lá, subiram pelos rios Negro e Uaupés. Em Santa Izabel do Rio Negro, o primeiro Koivathe, já bem velho, decidiu que ficaria ali. Avisou seus filhos que à meia-noite ouviriam um estrondo. Ele entrou com seu próprio corpo na ilha de Tapuruquara, depois de ter usado ipadu e cigarro sentado em seu banco. Está lá até hoje. Toda a turma dos Tariano continuou subindo o rio, até chegar a Taracuá, já no rio Uaupés, onde a mesma coisa aconteceu com um segundo Koivathe.

Continuaram a viagem até Iauaretê, onde encontraram-se com Kɨmaro Yai O'a, o avô dos Tukano, que já habitava o local onde veio a se formar a comunidade de Santa Maria, em Iauaretê, chamado tradicionalmente de *wekɨ dɨpoka yoa*, "ponta da pata de anta". Ele era responsável por tomar conta dos irmãos maiores dos Tukano. No local onde hoje fica a Aduana colombiana, na boca do Papuri, habitava o chefe dos Tukano, Wa´ûro. Wa´ûro não se opôs a que os Tariano habitassem essa terra, pois sabia que eram os donos verdadeiros, isto é, eram os descendentes de Wehkomi que acabavam de chegar. Então se dirigiram aos Tariano do segundo grupo para a serra do Jurupari. Passado algum tempo, Kɨmaro Yai O'a veio a oferecer sua filha em casamento ao filho de Koivathe, Kuenaka. Nessa época, essa menina encontrava-se ainda em resguardo. Logo em seguida, Kuenaka, carregado por seus servidores, foi buscar a nova esposa na maloca de Kɨmaro Yai O'a. Mas Wa'ûro, o chefe dos Tukano, considerou este casamento impróprio, pois sendo Koivathe o chefe dos Tariano, seu filho deveria casar-se

com uma mulher do grupo do chefe dos Tukano, isto é, com sua própria filha. E com isso um segundo casamento foi realizado, ficando o filho de Koivathe, chamado Kuenaka, com duas esposas tukano. Esses casamentos evitaram que os Tariano e Tukano entrassem em conflito.

Depois de muito tempo, Koiwathe ficou na serra do Jurupari, sem morrer, e permanece lá até hoje, sentado com suas armas. Depois de cinco gerações, os Tariano Koiwathe desceram da serra do Jurupari e passaram a habitar mais próximos à margem do rio Uaupés, mais precisamente na beira do igarapé Epêsaya. Os Koiwathe ficaram na margem esquerda desse igarapé e seus servidores na margem direita, próximos ao igarapé das Maniuaras. Quem liderou esse deslocamento foi um descendente de Koiwathe chamado Kuenaka Manuera Jacinto. Quando morriam, os líderes Koiwathe eram enterrados dentro da maloca dos chefes. Nesse lugar, chegaram a fazer duas malocas e faziam muitas festas e dabucuris, vivendo sem problemas.

3. Guerras dos Tariano

Depois que se estabeleceu na serra do Jurupari, Koiwathe mandou que seus servidores fizessem muitas roças. Além do trabalho na roça, seus servidores caçavam e pescavam, como também tomavam conta dos filhos de Koiwathe. Em sua maloca na serra do Jurupari, Koiwathe estava preparado também para as guerras que viriam a acontecer. Nesse tempo, houve duas guerras. A primeira foi contra o grupo Wanano e a segunda contra o grupo Arara, localizados na ilha de Acari, rio Uaupés acima, logo acima da cachoeira de Iauaretê.

Guerra contra os Wanano

Um dos tariano havia se casado com uma mulher wanano e maltratava diariamente sua esposa. Por causa disso, a mulher estaria para morrer. Mas isso não era verdade, era uma fofoca, que levou os Wanano a decidir fazer uma guerra contra os Tariano que estavam morando na serra do Jurupari. E assim, enviaram um recado aos Tariano para que se preparassem para um enfrentamento de vida ou morte. Antes de partir, os guerreiros wanano mandaram preparar uma festa para quando retornassem, com muita bebida e comida.

Após o comunicado de guerra, o tuxaua Koiwathe mandou improvisar uma fortaleza. Em cima da serra do Jurupari há, até hoje, o sinal da escavação feita pelos Tariano ao redor de toda a serra e com a altura de um homem. Foi feita com a finalidade de aguardar a chegada do inimigo. Bem perto das escavações, colocaram grandes troncos de árvores de uacú, que seriam ar-

remetidas serra abaixo quando os Wanano chegassem. No dia marcado, os Wanano saíram de sua maloca trazendo todas as armas necessárias para a guerra. Quando chegaram na beira do rio Papuri, no lado colombiano próximo à cachoeira do Guariba, fizeram atravessar todas as suas armas usando um cipó jacitara. Em seguida, todos os guerreiros wanano atravessaram o rio, e ao fazê-lo, a pedra do guariba rachou pela metade. Isso era um agouro. Os Wanano estavam prontos para a guerra, tendo usado todos os benzimentos próprios para esta situação. Os Tariano também estavam preparados com tudo o que era necessário.

Por volta das dez horas da manhã, os Wanano chegaram e começaram a subir a serra do Jurupari. Vendo isso, os Tariano rolaram as toras de uacú para baixo, matando todos os Wanano. Sobrou apenas um dos gruerreiros, que, ao perceber que era o único que havia restado, correu para o mato e subiu em um pé de sorvinha. Ele ficou ali, alimentando-se dos pequenos frutos da árvore.

As mulheres dos Wanano que aguardavam os maridos para a festa, vendo que eles não voltavam, mandaram uma anta atrás deles. Essa anta havia sido criada por eles desde filhote. Colocaram no pescoço da anta peixe moqueado e beiju. A anta foi seguindo as pegadas dos Wanano e descobriu o lugar onde estava refugiado o guerreiro. Cheirou e começou a bater no pé da árvore, e o guerreiro desceu. Quando o homem pisou no chão, a anta sentou-se para que ele pudesse agarrar-se a seu pescoço. Então a anta levantou-se e saiu carregando o guerreiro de volta à sua maloca. Fizeram o caminho de volta, até alcançar as roças dos Wanano, próximas à cachoeira do Jacaré. Ali a anta deixou o guerreiro e foi para a maloca. Lá, começou a derrubar os co-

xos de caxiri, avisando, desse modo, que os guerreiros estavam mortos. Depois a anta voltou para pegar o homem que havia deixado na roça. Na volta, o sobrevivente contou o triste fim dos guerreiros Wanano.

Guerra com os Arara (Andaruna)

Koiwathe havia se casado com uma mulher Walipero, e com ela teve um filho. Havia um Yawialipe que tomava conta deste filho de Koiwathe e que o levava a toda parte onde ia, na pescaria, no mato para caçar, recolher frutos e mel. Era ele quem se preocupava com o garoto. Um dia, o Yawalipe levou o filho de Koiwathe para pescar no rio Papuri. Entrou em um igarapezinho para pegar camarão, que serviria de isca na sua pescaria. Como precisava de muito camarão, adentrou-se mais no igarapé, deixando o filho de Koiwathe na boca. Os Andaruna, grupo que tinha inveja dos Tariano da serra de Jurupari – pois viam que eles estavam se multiplicando muito e vivendo bem com suas festas e danças – pescavam e caçavam naquela área. Já haviam até mesmo alertado que não queria ver servidores do Koiwathe por ali. Por esse motivo, ao encontrarem o filho de Koiwathe na boca daquele igarapé não hesitaram em matá-lo. Os três rapazes mataram o garoto ali na foz do igarapé do Tatu e o deixaram em cima de uma pedra.

Em seguida, subiram à serra do Jurupari e ficaram bebendo caxiri com o próprio Koiwathe. Quando viram o Yawialipe trazendo o menino morto comentaram entre si que fora este quem havia matado o filho de seu próprio chefe. Depois de dizer isso, foram embora. Koiwathe quis matar o seu servo, mas, ouvindo sua esposa, decidiu dar-lhe uma chance de explicar o que havia se passado. De tão nervoso que estava, o servo não conseguiu

explicar o que realmente ocorrera, e acabou inventando uma outra história. Ele disse que havia levado o menino para tirar mel silvestre, e o deixado em um jirau no pé de uma árvore. Ao descer, teria encontrado o menino já morto. Ao ouvir o relato, Koiwathe chorou muito e conservou o corpo do filho dentro da maloca. Pediu em seguida que todos preparassem caxiri para a cerimônia do choro. No dia marcado, ele juntou os brinquedos do filho chorando, os Tariano fizeram a dança do maracá. Depois do choro e do ritual da despedida, eles colocaram o corpo do menino na casa de Watoporó – foi o único dos hipada-nauiki que no passado não havia comido o Wehkomi. Este local serviria também para guardar as armas de guerra.

Koiwathe então pensou em seus primos Nimá Diana. Mandou então seu comandante de guerra, chamado em tariano *Shãmida Késhulida* – isto é "general de guerra", em tukano *Upi masɨ* – para uma viagem urgente ao rio Ira, afluente do rio Tiquié, com a finalidade de se encontrar com eles. Eles eram um grupo de índios próprios que produziam muito curare para matar animais e também para utilizar na guerra. Os Nimá Diana mandaram avisar Koiwathe que chegariam na próxima lua nova.

Na data marcada, eles chegaram. Koiwathe foi recebê-los na frente da maloca. Ele não quis que outros fossem recebê-los, indo ele próprio. Os Nimá Diana entregaram as armas a Koiwathe, que as colocou no centro da maloca. Os Nimá Diana fizeram o ritual da chegada, batendo nos esteios para demonstrar inimizade. Koiwathe guardou as armas em um jirau dentro da maloca, o mesmo que era usado como refúgio em casos de ataques. Pela parte da tarde, eles tomaram caxiri. Os Nimá Diana

passaram mais um dia entre os Tariano, e em seguida retornaram para sua casa levando consigo os Yawialipe, que foram até o igarapé Taracuá para caçar. Depois de dois dias voltaram. Quando todos estavam na maloca novamente, Koiwathe preparou, antes do início da lua nova seguinte, o cigarro da guerra. Durante três noites fez *basesehé* como preparação para a guerra.

A lua nova surgiu com a cor de sangue, demonstrando assim que o inimigo iria ser abatido. Desse modo, Koiwathe já sabia da derrota que os Andaruna iriam sofrer. No dia seguinte, Koiwathe mandou que um Yawialipe fosse escondido até a maloca dos Andaruna para saber de seus planos. Este Yawialipe se disfarçou como um deles, quando tomavam banho de madrugada. Descobriu então que estavam preparando uma grande festa. Haviam combinado um grande dabucuri de uirapixuna, planejando que iriam pegar fruta no igarapé Castanha para oferecer às suas mulheres. Ao saber disso, Koiwathe distribuiu as armas entre os Tariano que estavam na serra do Jurupari.

Os Tariano foram de encontro aos Andaruna no igarapé Castanha. Cercaram o local e começaram a matar os homens e as mulheres que estavam catando os frutos. Depois mataram aqueles que estavam em cima das árvores apanhando os frutos. Então eles fizeram cestos com palhas de bacaba para colocar os corpor dos mortos e foram para a maloca dos Andaruna em suas próprias canoas. Os que haviam ficado na maloca do Jurupari desceram até Yoapá [calango] e foram até o igarapé Juta, subiram pelo mato e, na metade do caminho, se pintaram para a guerra. Koiwathe pegou então o osso de Wehkomi que estava no cesto onde levava seus pertences. Ele soprou o osso e produziu uma forte zoada. Esse barulho fez as árvores racharem e perderem as folhas. Os homens perderam os sentidos.

Porém, não morreram, isto é, estavam realmente preparados para a guerra[41].

Então seguiram seu caminho, encontrando um tariano do primeiro grupo que desejava juntar-se ao grupo de Koiwathe para a guerra. Eles não quiseram sua ajuda, pois não havia passado por toda a preparação dos guerreiros de Koiwathe. Mas ele insistiu e foi junto. Ele foi o primeiro a morrer na guerra, pois não possuía as proteções adequadas. Os Tariano chegaram na maloca dos Andaruna e derrubaram sua armadilha de proteção [cerca, paliçada]. Entraram na maloca e mandaram que os Walipero que lá estavam se retirassem, pois não eram seus inimigos. No meio desses que fugiram, escapou um casal de Andaruna.

Depois que os Walipero saíram, Koiwathe perguntou ao chefe dos Andaruna por que haviam matado seu filho. O Andaruna não estava preparado para este desafio e seus companheiros tentavam se armar. Mas estavam desesperados e acabaram mortos pelos Tariano. Ficou somente o chefe. Koiwathe se dirigiu a ele, estando os dois armados com suas lanças e escudos. O Andaruna tinha a desvantagem de não haver fumado o cigarro para guerra. Frente a frente, Koiwathe disse ao Andaruna que começasse a atirar suas lanças. Já que ele havia começado a guerra, que começasse agora também. O Andaruna atirou suas três lanças, mas seu nervosismo o atrapalhou e ele não conseguiu atingir Koiwathe.

41 O uso deste osso é como um teste para verificar se os guerreiros estão realmente preparados; se não morrem é porque também não morrerão na guerra – dizem que estes recursos guerreiros vêm sendo usado pelos guerrilheiros colombianos, como também foi usado no conflito do Traíra que envolveu índios e garimpeiros.

Chegou então a vez de Koiwathe. Antes que ele iniciasse seu ataque, a esposa do Andaruna tentou desviar-lhe a atenção. Sem roupa, abaixou-se de costas exibindo-lhe as genitálias. Essa mulher foi morta pelos guerreiros de Koiwathe. Ele manteve-se firme e atirou a primeira lança em direção ao Andaruna. A lança transpassou pescoço do Andaruna e ainda calou na parede de madeira. A lança quebrou, e o Andaruna caiu morto. No final, a maloca dos Andaruna foi queimada. Aquele casal que havia fugido com os Walipero pode ver a fumaça subindo ao céu. Eles fugiram de vez para o rio Içana.

Depois disso, os Tariano foram até um igarapé próximo e encontraram o jurupari dos Andaruna, que levaram para sua própria maloca. Depois descansaram e fizeram um ritual com cigarro para tirar os efeitos da preparação para a guerra. Depois de um mês, Koiwathe mandou preparar caxiri e que se enfeitasse o jurupari para uma festa de dabucuri. Era para experimentar o jurupari dos Andaruna. E viram que era um bom instrumento. As mulheres eram proibidas de ver esse instrumento e ficavam num compartimento fechado dentro da maloca quando ele era usado. Neste período, os Tariano deixaram de se casar com mulheres Walipero. Começaram a casar também com mulheres Wanano. Assim começaram a perder a língua tariana.

4. Os Primeiros Brancos

Kuenaka, filho do chefe Koivathe teve um filho chamado Kali Kalitro. Foi ele que trouxe o seu povo para a beira do rio, onde construiu a sua maloca. Ele teve dois filhos: Kuenaka, o primogênito, e Kali Kalitro, o segundo filho. Nesse período apareceram os primeiros brancos.

Kuenaka, filho de Kali Kalitro, teve dois filhos: Kuenaka Manuera e Kalitro Kali. Após a morte de seu irmão Manuera Kuenaka, o sucessor foi Kalitro, o menor. Kuenaka Manuera ou Manuera Kuenaka teve um filho chamado Kuenaka Kalitro, este foi o sucessor de seu tio Kalitro. Kuenaka Kalitro teve um filho chamado Kuenaka Manuera e uma filha chamada Nanayo.

Os Koiwathe estavam vivendo bem. Já haviam organizado e distribuído lugares para seus servidores. Estavam vivendo bem com seus irmãos, como haviam vivido na serra do Jurupari. Foi então que apareceu um estranho, o primeiro não-índio na região. Era o Silva, ele queria conhecer a realidade e por isso começou a conviver com os Tariano, participando de tudo o que acontecia. Ele acabou se casando com Nanayo, pois queria saber mais coisas sobre os Tariano e percebia que nem tudo era revelado a ele. Depois ele levou sua esposa para Tarumã-Mirim, perto do lugar onde viria ser construída a cidade de Manaus. Lá, Nanayo teve seu filho, chamado Maximiano Roberto. Depois de vários anos Koiwathe foi visitar sua filha. Descendo o Uaupés e o rio Negro, levava um mês para chegar até lá. Ele levava artesanatos e cerâmicas, na base de barco a remo, e o Silva também fazia visitas ao sogro.

Silva, no início andava bem direito, depois começou a abusar, querendo ter mais mulheres indígenas. Daí acabou

levando sua cunhada sem permissão. Por esse motivo Silva foi morto pela tribo Tariana. Após esse acontecimento o cacique estava em perigo, tinha medo de ir a Tarumã-mirim, mas a filha estava lá. Passados três anos, o filho do cacique, Kuenaka Manuera, organizou sua tropa para ir visitar sua irmã. Chegando no futuro município de São Gabriel, foi preso por causa da morte de Silva, seu cunhado, sendo levado até Manaus. Nessa época, havia uma fortaleza em São Gabriel para expulsar os venezuelanos que invadiam a terra brasileira. O prisioneiro ficou preso durante três anos. Sabendo que seu irmão estava preso, Nanayo foi falar com a autoridade principal, justificando a morte de seu esposo Silva. Com essa justificativa, Nanayo teve autorização para dar comida ao seu irmão prisioneiro. Nanayo tentava libertá-lo. Mais tarde, Nanayo, acompanhada de sua parenta, foi falar à autoridade principal, dizendo o seguinte: "Meu pai é o Tuichaua do grupo, homem respeitado, assim como vossa senhoria, chefe de qualquer movimento dessa área. Esse meu irmão que está preso é filho de Tuichaua; por isso peço a vossa senhoria se não pode deixá-lo livre". Com essa justificativa, o prisioneiro Kuenaka Manuera, filho do cacique Kuenaka Kalitro, depois de três anos foi deixado livre.

Nessa ocasião, Kuenaka Manuera recebeu outra nova autorização, mas esta já era no regime dos brancos; por isso ele foi o primeiro que recebeu patente e toda documentação. Mesmo assim, já liberto, este chefe voltou para sua terra acompanhado por dois soldados, para ver se era verdade a justificação de sua irmã Nanayo. Saindo de Manaus conseguiu chegar para sua terra. O pai dele estava ainda vivo na mesma maloca. Nesses dias estava preparando dabucuri de peixes aos seus cunhados. Chegando, Kuenaka Manuera contou tudo o que passara durante os anos de prisão e apresentou os dois soldados e seus objetivos.

Como o pai de Manuera já tinha organizado o dabucuri, convidou o filho para acompanhar sua dança. No dia seguinte dessa festa, o pai de Kuenaka Manuera organizou uma outra festa para oferecer cerâmicas aos dois soldados que acompanhavam seu filho. Chegando a data marcada, o cacique e seu povo fizeram essa homenagem. Nessa ocasião, os dois soldados bateram fotos para apresentar às autoridades de Manaus. No dia seguinte da festa, Kuenaka Manuera, o mesmo que tinha sido solto da prisão, foi para Manaus para deixar os dois soldados.

Voltando de Manaus, Kuenaka Manuera chegou para viver em sua terra livremente, e fardado, sendo respeitado por todo o povo. Ele substituiu seu pai. Kuenaka Kalitro e seu filho viram a chegada do famoso conde Marca, este apoiou muito a esses dois caciques. Mais tarde, Kuenaka Manuera teve um filho principal chamado Manuera Kuenaka, que recebeu o mesmo nome do pai, e mais dois irmãos menores. O Manuera Kuenaka era conhecido pelos brancos como Manuel. O Manuel Kuenaka teve filho chamado Nicolau Kuenaka. Nicolau Kuenaka teve dois filhos: Manuel Aguiar e Antonio Aguiar, pai de Luis Aguiar, um dos autores desta história. O sobrenome Aguiar foi dado pelo primeiro missionário salesiano, padre João Marchesi.

O pai dos senhores Manuel e Antonio Aguiar, o Nicolau, tinha essa Patente que continuava a dirigir seu povo. Com o passar do tempo, o cacique Nicolau adoentou e foi fazer tratamento em Manaus. Nesse tempo já existia o chefe dos índios com a sigla SPI (Serviço de Proteção de Índios). Como Nicolau tinha essa Patente foi renovado com outra documentação . Daí, o cacique Nicolau voltou para sua terra todo fardado. Quem deu essa autorização foi o chefe do SPI Doutor Bento Lemos. Voltando recebeu o nome de Capitão, nome considerado até

hoje em dia. Após a morte de Nicolau, a espada foi enviada a Manaus para consertar o cabo, daí não foi devolvida.

Como passar do tempo, os padres organizaram para colocar capitães em todas as comunidades espalhadas por esses rios pertencentes à Paróquia de Iauaretê, até hoje em dia.

História do Manduca

Depois de um certo tempo, apareceu outro branco na região, o sr. Albuquerque, que veio morar na ilha do Jacaré. Ele foi enviado pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), pelo Dr. Bento Lemos. Este sr. Albuquerque teve várias mulheres da tribo Pira-Tapuia e muitos filhos. As mulheres eram filhas do sr. Sebastião Neto. Os filhos foram: Francisco (Chico), Higino, Torquato, Manuel (Manduca), Policarpo, Calistrato, Poré.

O sr. Albuquerque era mecânico, profissão que ele procurou ensinar aos seus filhos. Era também carpinteiro e ele próprio ensinava seus filhos a ler e escrever. Criou todos os filhos e morreu quando todos já estavam adultos. Depois da morte do pai, um dos filhos começou a querer dominar a região, principalmente através do trabalho escravo dos indígenas na extração da borracha. Este era o Manduca, para quem os índios do Uaupés e Tiquié trabalhavam na exploração da borracha. Os irmãos Albuquerque levavam o produto até Barcelos, vendiam e traziam produtos manufaturados para pagar o trabalho dos índios, elevando muito seus preços.

Com três viagens a Barcelos, os Albuquerque conseguiram comprar um barco a vapor. Os índios eram escravizados no trabalho forçado, eram chicoteados. Quando ficaram mais ricos, possuindo mais mercadorias, passaram a subir ainda mais no rio Uauapés. Levavam homens e mulheres. Vendo que ele estava destruindo a população da região, os Tariano se reuniram

e decidiram proibir a entrada do Manduca na região, que não lhe agradou nem um pouco. Ele ficou especialmente irritado com o Leopoldino Farnela (Kui) e prometeu matá-lo. Leopoldino é um dos antepassados de Adriano e Pedro de Jesus, autores deste livro.

Depois de três viagens, Manduca resolveu matar o Leopoldino, cuja maloca se localizava próxima à atual residência do sr. Pedro de Jesus. No dia marcado para matá-lo, Manduca enviou seus empregados pela parte da tarde. Eles foram para a maloca do Leopoldino, mas o povo percebeu o que iria acontecer e esconderam seu chefe. Os empregados acabaram matando um servidor do Leopoldino, o Waká. No dia seguinte, o Manduca subiu o Uaupés. Muitos Tariano se refugiaram no mato, enquanto outros foram para a maloca do Nicolau, que por ser compadre do Manduca não sofria ameaças.

Depois de um mês, Manduca apareceu de novo. Chegou até a maloca que havia onde hoje está o atual bairro de São Miguel e pegou uma moça à força. Os parentes dela o seguiram pela beira do rio e tentaram matá-lo com um tiro de espingarda. Mas não conseguiram atingi-lo. Depois de um certo tempo, o Manduca apareceu de novo. Chegando em Iauaretê, ele quis matar o Correa, cuja maloca se localizava onde hoje está a vila militar. Ele queria se vingar do tiro que não havia lhe atingido. Depois disso, o Manduca subiu o Uaupés, e depois desceu de novo para a ilha do Jacaré.

Nesse tempo, já haviam padres em São Gabriel. Manduca dizia a eles que não deviam entrar na região porque os índios tinham a boca na barriga e rabo. Falava também que não deviam se preocupar com os índios porque ele cuidava bem deles. Contava isto também ao chefe do SPI.

No rio Tiquié dominava o Calistrato. O povo, cansado de ser explorado, resolveu por fim àquela situação de escravidão.

E resolveram matá-lo, o que fizeram num local denominado Si'tiri-daá. Foram os Miriti-Tapuia que o mataram, e depois fugiram para a serra do Cabelo, onde ficaram por muito tempo. Ao saber da morte do irmão, Manduca resolveu se vingar, procurando descobrir onde os Miriti-Tapuia haviam se escondido. Ele pensava que os Miriti Tapuia estavam na cabeceira do igarapés Urucu, terra dos Desana.

Ele e seus empregados chegaram na maloca dos Desana à noite. Estes não sabiam que havia gente querendo matá-los. Mas os próprios empregados do Manduca se atrapalharam nessa emboscada, e saíram dando tiros de espingarda. O resultado foi que apenas um dos empregados do Manduca saiu ferido, tendo uma bala que lhe atravessou a coxa. No dia seguinte, a turma do Manduca voltou, trazendo o ferido. Como sempre, chegaram na maloca do Nicolau oferecendo-lhe alguma mercadoria. Dessa vez, Nicolau advertiu o Manduca, para que não acontecessem mais episódios como esse. No dia seguinte, eles continuaram a viagem. Nesta viagem, Manduca seguiu até Barcelos levando seus produtos para vender. O Poré foi com ele, e acabou sendo morto por um marinheiro em Barcelos. Depois voltaram para a ilha do Jacaré, trazendo muitas mercadorias.

Os Tariano que estavam em Iauaretê estavam muito preocupados com a situação e resolveram denunciar o que estava se passando às autoridades. Nicolau, Koeça e Yawiça trataram disso. Desceram o Uauapés, e passaram pela casa do Manduca à noite, sem que ele pudesse perceber. Chegaram a Cucuí depois de quatro dias, remando sem parar, com medo de serem pegos pelo Manduca. Em Cucuí, falaram com o comandante militar, contando tudo o que o Manduca andava fazendo no Uaupés. Toda a violência e mortes que ele estava praticando. O comandante prometeu-lhes que iria averiguar o caso. Depois disso, Nicolau e seus companheiros voltaram a Iauaretê pelo Içana e Aiari. Atravessando pelo varadouro, chegaram a Caruru no alto Uaupés, de onde desceram para Iauaretê. O comandante de Cucuí levou o relatório para Manaus. Então o governo tomou conhecimento da situação.

Depois de alguns meses, no mês de setembro, o comandante, um doutor e um soldado chegaram a Iauaretê junto com o Manduca. Ele não sabia da denúncia que haviam feito contra ele. No dia em que chegaram, o comandante convidou Nicolau para caçar na parte da tarde. Na verdade, era para ter uma conversa particular com ele. E então combinaram o momento em que iriam falar tudo o que vinha acontecendo.

No dia seguinte, após o café, iniciaram a conversa. O comandante perguntou ao Manduca como ele estava trabalhando como funcionário do SPI. E ele respondeu que estava trabalhando bem. Depois foi a vez de Nicolau. Ele contou tudo o que estava acontecendo. O comandante anotou tudo e no fim voltaram com o Manduca. Desta vez, o governo impôs uma condição para que o Manduca continuasse trabalhando na ilha do Jacaré: deveria pagar um imposto alto. Então o Manduca teve que vender seu barco a lenha. Depois teve que vender outro barco, até que não teve mais condições de pagar. Então ele resolveu procurar outro lugar para viver. Foi para o alto Uaupés e voltou a praticar seus atos de violência. Os índios de lá o envenenaram. Já doente, ele voltou. Quando passou por Iauaretê, pediu ao Nicolau que o ajudasse a passar as canoas pela cachoeira. Nicolau aproveitou para lembrar-lhe de toda a violência que havia praticado. E que agora estava sofrendo. Ele continuou sua viagem até Manaus, onde morreu.

tiragem desta edição: 500 exemplares
impressão e acabamento:

COLEÇÃO NARRADORES INDÍGENAS DO RIO NEGRO

VOLUME 9

MEMÓRIA

IDENTIDADE

PATRIMÔNIO CULTURAL

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

FOIRN
FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO

ISBN 978-85-98305-06-6